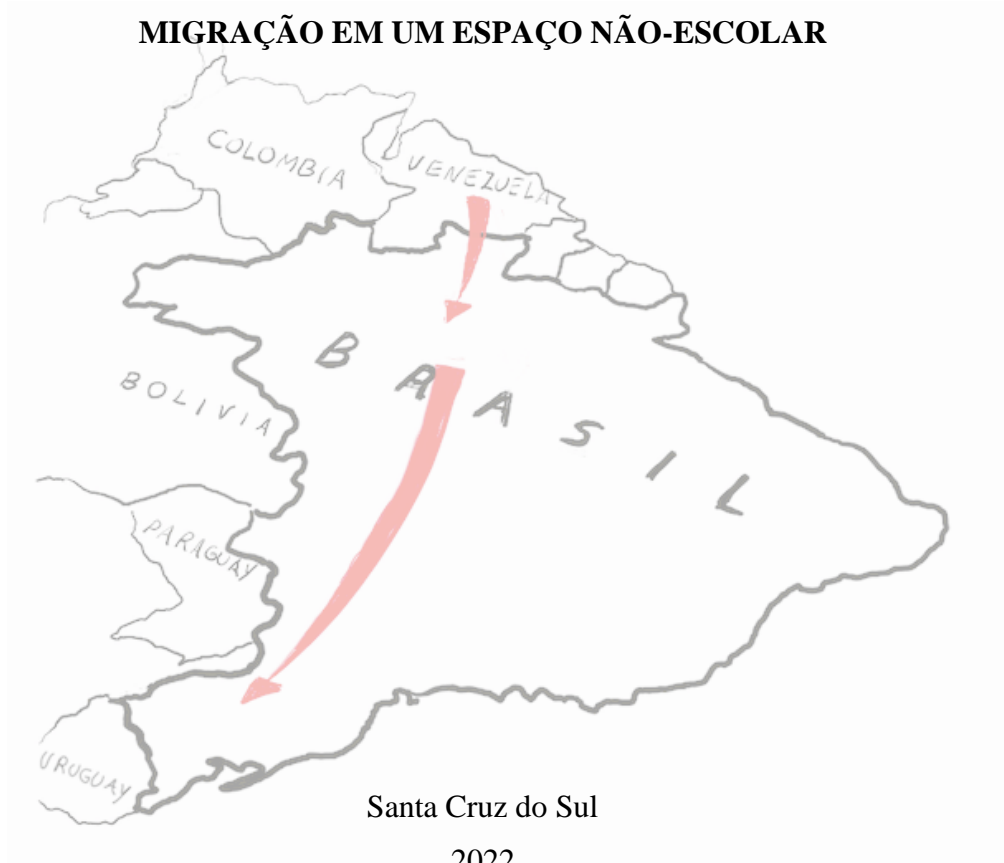


**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO**

Sandra Veronica Barzallo Mora

**NÓS, AS RECÉM-CHEGADAS...:  
MULHERES MIGRANTES VENEZUELANAS E APRENDIZAGENS SOBRE  
MIGRAÇÃO EM UM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR**



Sandra Verónica Barzallo Mora

**NÓS, AS RECÉM-CHEGADAS...:  
MULHERES MIGRANTES VENEZUELANAS E APRENDIZAGENS SOBRE  
MIGRAÇÃO EM UM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Betina Hillesheim

Santa Cruz do Sul

2022

Sandra Verónica Barzallo Mora

**NÓS, AS RECÉM-CHEGADAS...:  
MULHERES MIGRANTES VENEZUELANAS E APRENDIZAGENS SOBRE  
MIGRAÇÃO EM UM ESPAÇO NÃO-ESCOLAR**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Dra. Betina Hillesheim  
Professora Orientadora – Universidade de Santa Cruz do Sul

Dr. Camilo Darsie de Souza  
Professor Examinador – Universidade de Santa Cruz do Sul

Dra. Cristianne Famer Rocha  
Professora Examinadora – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Verónica Grossi  
Professora Examinadora – University of North Carolina at Greensboro

Santa Cruz do Sul  
2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Barzallo Mora, Sandra Veronica

Nós as recém-chegadas...: Mulheres migrantes venezuelanas e aprendizagens sobre migração em um espaço não-escolar / Sandra Veronica Barzallo Mora. – 2022.

82 f. : il. ; 28 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Betina Hillesheim.

1. Educação. 2. Migração. 3. Cartografia. 4. Interseccionalidade. 5. Gênero. I. Hillesheim, Betina. II. Título.

*A las mujeres migrantes que con sus historias inspiraron a esta profesora en construcción.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

À professora Betina por todas as orientações, o apoio e as inspirações.

Ao professor Camilo, à professora Cristianne e à professora Verónica pelas sugestões e observações.

Ao PPGEduc da UNISC, especialmente aos meus professores que com muito entusiasmo e paciência me acolheram.

Aos meus colegas do mestrado, especialmente à turma 2020-2022 quem fomos atravessados pela pandemia da COVID-19. Somos força, resistência e coragem!

Ao grupo de pesquisa “Políticas Públicas, Inclusão e Produção de Sujeitos” pelas inúmeras vezes que me apoiaram para continuar, pelas influências, pelas leituras. Com carinho à Rita e à Letícia

À Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Social de Venâncio Aires por me permitir officinar no seu município.

À Sandra, pela acolhida, pelas inspirações e por estar sempre de portas abertas no setor dos migrantes em Venâncio Aires, assim como às suas estagiárias.

Às mulheres migrantes com quem construí esse trabalho

À Caroline e à Nívia quem me acompanharam nos encontros e me ajudaram a registrar momentos inesquecíveis.

À Marilane por me ensinar português e ser além de uma professora, uma amiga.

Também agradeço à UNISC pela concessão da bolsa de estudos que me ajudou a concluir meus estudos.

Agradezco:

A Reinaldo† quien entendió mis descontentos profesionales y me empujó a buscar lo que realmente me inspira.

A la tía Grace, fuente de inspiración de esta disertación, quien con sus historias y memorias me enseñó a resistir.

A Germania, Raúl, y Raulito, mi puerto seguro, ellos son acogida y abrigo.

A Carlos, por la paciencia, por el amor.

## RESUMO

Esta dissertação tem com objetivo analisar quais são as experiências educativas que um grupo de mulheres migrantes venezuelanas, no sul do Brasil, constituem em um espaço não-escolar, que possibilitam seus processos de resistência. A metodologia utilizada foi a cartografia, conforme proposta de Deleuze e Guattari, onde a pesquisadora, como as pessoas pesquisadas estiveram imersas na experiência da pesquisa. A partir disso, foram construídos os seguintes marcadores de análise: a condição migrante, o que é ser mulher migrante e a construção das redes de apoio entre as mulheres migrantes como espaços educativos não-escolares, utilizando, como operadores teóricos os conceitos de gênero e interseccionalidade. Assim, propõe-se pensar nas migrações como migrações femininas, não porque apenas as mulheres migram, mas sim porque as situações relacionadas com a migração estão também relacionadas com as vulnerabilidades das mulheres no percurso migratório, bem como aos processos de resistência constituídos por elas.

**Palavras-chaves:** Educação. Migração. Cartografia. Interseccionalidade. Gênero.

## RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo analizar cuáles son las experiencias educativas que un grupo de mujeres migrantes venezolanas, en el sur de Brasil, constituyen en un espacio no-escolar, que posibilitan sus procesos de resistencia. La metodología utilizada fue la cartografía, de acuerdo con la propuesta de Deleuze e Guattari, donde la investigadora, así como las personas investigadas estuvieron inmersas en la experiencia de la investigación. A partir de eso, fueron construidos los siguientes marcadores de análisis: la condición migrante, lo que es ser mujer migrante, y la construcción de las redes de apoyo entre las mujeres migrantes como espacios educativos no-escolares, utilizando, como operadores teóricos los conceptos de género e interseccionalidad. Así, se propone pensar en las migraciones como migraciones femeninas, no porque solamente las mujeres migran, pero sí, porque las situaciones relacionadas con la migración están también relacionadas con las vulnerabilidades de las mujeres en el trayecto migratorio, así como a los procesos de resistencia constituidos por ellas.

**Palabras clave:** Educación. Migración. Cartografía. Interseccionalidad. Género.



## **ABSTRACT**

This dissertation aims to analyze what are the educational experiences that a group of Venezuelan migrant women, in Southern Brazil, and how they constitute into a non-school space, in order to understand what is that enables their resistance processes. The methodology used was cartography, according to Deleuze and Guattari's proposal, where the researcher, as well as the people investigated, were immersed in the research experience. From this, the following analysis markers were constructed: the migrant condition, what it means to be a migrant woman, and the support networks construction among migrant women into a non-school educational space, using, as theoretical operators, gender, and intersectionality as concepts. Hence, it is proposed to reflect of migrations as female migrations, not because only women migrate, but because the situations related to migration are also related to women vulnerability in the migratory journey, as well as to the processes of resistance composed by them.

**Keywords:** Education. Migration. Cartography. Intersectionality. Gender.

## SUMÁRIO

<b>NOTAS ANTES DE INICIAR: PERGUNTEI TANTAS VEZES SE ESTE SERIA O MEU LUGAR DE FALA.....</b>	<b>11</b>
<b>1 O INÍCIO DA BUSCA POR “ALGO MELHOR” .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 A colonização europeia no Rio Grande do Sul e a migração venezuelana: contrastes e aproximações.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 A construção do problema .....</b>	<b>23</b>
<b>2 VOCÊ NÃO É DAQUI, NÃO É? LOGO VI PELO SEU SOTAQUE! (Os caminhos da pesquisa de uma migrante) .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Campo Conceitual .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Sobre os procedimentos metodológicos .....</b>	<b>30</b>
<b>2.2.1 O Encontro Inicial: aproximação com as mulheres .....</b>	<b>31</b>
<b>2.2.2 Quem são as Mulheres que Participaram da Pesquisa .....</b>	<b>36</b>
<b>2.2.3 Descrição dos encontros .....</b>	<b>39</b>
<b>3 AS MIGRAÇÕES NÃO VÃO PARAR .....</b>	<b>48</b>
<b>3.1 Migrar é preciso: relatos de deslocamentos .....</b>	<b>48</b>
<b>3.2 Mulher e migrante: vulnerabilidades .....</b>	<b>59</b>
<b>3.3 Fazendo redes: formas de aprender e resistir .....</b>	<b>69</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## **NOTAS ANTES DE INICIAR: PERGUNTEI TANTAS VEZES SE ESTE SERIA O MEU LUGAR DE FALA...**



Abebe, espelho em que a deusa preta se mira pra se reconhecer, investigar o ontem, sonhar o amanhã.

Quando criança, pelo fato de ser filha única, ela viu nos seus primos e primas o consolo de não ter um irmão ou uma irmã para brincar, fazer travessuras, ou talvez brigar – sim, brigar muito. Embora seu irmão tenha chegado na adolescência, enquanto criança parecia que todas as irmãs e irmãos da sua mãe tinham combinado isso, que todos os seus filhos seriam criados como irmãos, para assim crescer juntos, e ficar sempre assim, conectados nesse fio infinito e invisível de cumplicidade. Mal sabia ela que o tempo é traiçoeiro e que as coisas iriam mudar.

No início deste milênio, ela era uma menina de 12 anos, que, estando nessa tenra idade, vivenciou uma das maiores crises econômicas que o seu país, Equador, havia tido até esse momento. As informações chegavam pelos noticiários, mas isso nem era necessário, pois ela conseguia enxergar de perto, dentro da sua própria família, como as coisas começaram a mudar. Em casa, em cima da mesa, nunca faltou comida, nunca faltaram roupas para se vestir, nunca faltou educação. Todas as coisas básicas das quais ela precisava, ela tinha, só que infelizmente essa história não foi igual para todos seus familiares, muito menos para todos no seu país.

Na humilde e pequena casa onde ela morava, de um dia para o outro, já não viviam apenas seus pais e ela; haviam chegado mais cinco pessoas. Na sua inocência, ter seus tios e seus três primos em casa, só poderia significar horas e horas de diversão sem fim, e muito tempo de parcerias com os seus primos. Só que, graças ao seu pai e mãe, conseguiu entender o que realmente estava acontecendo; seus tios tinham perdido seu trabalho e a sua casa em menos de uma semana. Nossa, como ela ficou triste com essa notícia, ela adorava aquela casa. Mesmo estando muito afastada da cidade, ela não se importava em ter que viajar até lá. Para ela, aquela casa era uma mansão, tinha mais de cinco quartos, uma cozinha aberta, com um balcão enorme e um pátio com uma piscina ainda em construção. A menina ficou abalada; se somente soubesse que a última vez que a visitou seria a última, talvez tivesse brincado mais tempo lá.

Na conversa com os seus pais, a abordagem decidida por eles para explicar a situação do país foi uma lição junto com uma coca-cola. A mãe dela perguntou se ela gostava dessa bebida e ela disse que sim. O pai continuou: “Você vai ter que deixar de consumir essa bebida, filha”. No final, ela entendeu que aqueles S/. 1000 (sucres) que ela usava para comprar uma garrafa de 290 ml de coca-cola não seriam o suficiente, pois os sucres (até então a moeda do

Equador) não existiam mais. A partir desse momento o que ela precisaria seriam de \$ 1,50 (dólares) para comprar aquela mesma coca-cola.

O Equador adotou o dólar estadunidense como a sua moeda oficial no ano de 1999 na presidência de Jamil Mahuad. Com isso, \$1 (dólar estadunidense) representaria S/. 25.000 (sucres), e, assim, essa coca-cola agora custava S/. 37.500 (sucres). Foi dessa forma, depois dessa conversa com os seus pais, que ela reconheceu o grande problema que isso representava para a sua família.

As dificuldades para eles aumentavam, embora comida em casa nunca tenha faltado. Foi nesse momento que, pela primeira vez, a menina escutou uma palavra que a deixou muito curiosa, “*migración*”<sup>1</sup>. Nossa! Ela nunca tinha escutado essa palavra, o mais parecido era a palavra “*migraña*”<sup>2</sup>, pois a sua mãe sempre se queixava dessa dor. Enfim, falaram para ela que se tratava de uma viagem onde as pessoas levavam todos os seus pertences junto e que, muito provavelmente, não voltariam a morar de novo no Equador.

Se tratava de um adeus prolongado, prolongado mesmo. Foi nesse momento que os pais dela pediram para não perguntar para as pessoas quando elas iriam voltar. E, sim, ela percebeu que o fato de ir embora causava muita dor. Essa viagem não era de férias, essa viagem não era diversão. Explicaram para ela que se tratava de uma viagem para um lugar melhor, onde seus primos poderiam estudar, poderiam ter uma casa, onde eles poderiam viver uma vida melhor.

Antes do dólar chegar, ela tinha a percepção de que só pessoas com muito dinheiro eram capazes de viajar a lugares tão afastados, geralmente por férias. Lembrava-se que somente pessoas riquíssimas visitavam os aeroportos...

Primeiro foram eles, seus tios com os seus primos, que chegaram como convidados na casa dela e terminaram partindo para a Espanha. Depois, nos noticiários, se escutavam relatos de pessoas sendo enganadas, pois elas não sabiam como eram as cédulas dos dólares. Depois, amigos e amigas dos seus pais começaram também a sair do país. Com o passar das semanas, muitas pessoas começaram a vender seus pertences – carros, casas, camas, roupas. Para ela, foi uma das épocas mais tristes. No colégio, as suas amigas começaram a contar que suas mães foram embora para trabalhar em outros países e não conseguiram levá-las junto; ou então elas faltavam às aulas porque tinham que se despedir de alguém no aeroporto; ou simplesmente elas iam embora e, algumas delas, até hoje nunca mais as viu.

---

<sup>1</sup> Migração em espanhol.

<sup>2</sup> Enxaqueca em espanhol.

Era a época da semana santa - aqui no Brasil é conhecido como a Páscoa - quando soube sobre a querida tia Grace, a médica da família, aquela que esteve no momento em que ela nasceu, aquela que com tanto carinho e empenho a curou tantas vezes, acalmou suas dores e que ao mesmo tempo dava coragem para superá-las. Ela, que era parte da turma que parecia ter combinado de trazer seus filhos na mesma época que o resto dos seus irmãos, tinha dois filhos - um casal. A menina era a mais velha, e o caçula tinha quase a mesma idade da nossa protagonista. Ver eles juntos nas festas, nas reuniões familiares era realmente um caos, brincando, pulando, brigando. Todos foram criados como irmãos, sempre juntos. Infelizmente, a tia, mesmo sendo médica, não conseguiria mais manter seus filhos com a mesma qualidade de vida, de educação, de saúde que ela sonhava para eles.

A menina, pela sua proximidade com a tia, sabia que ela trabalhava em mais de um lugar ao mesmo tempo: como médica de um banco, de um colégio católico de meninas, de um colégio católico masculino e em seu próprio consultório médico, mas, simplesmente, não era o suficiente... Assim, a tia decidiu migrar. No dia da sua partida, a menina se deu conta que não apenas as pessoas riquíssimas visitavam o aeroporto, também as meninas com o coração triste, como o dela, que ia se despedir da tia que mais admirava no mundo.

Com o passar do tempo, a menina não só soube que a sua tia lutou muito, que ela tem experimentado muitos obstáculos - como mulher, como mãe, como esposa, como latina, como migrante -, mas também soube que ela os superou e continua superando-os.

No Equador, o tempo foi passando e a situação não melhorou. Muito pelo contrário: segundo a *Universidad Latinoamericana de Ciencias Sociales*, mais de meio milhão de pessoas equatorianas migraram no ano 2000.

Em 2000, mais de 560.000 pessoas deixaram o Equador, o maior nível de saídas produzidas em qualquer ano, que abrangeu cerca de 4% da população. (FLACSO, 2005, p. 38).

Já com dados um pouco mais atualizados com respeito à situação migratória do Equador, segundo os dados da ONU o Equador é o país no lugar número 96 no mundo de países imigrantes. No ano de 2019, a cifra de emigrações de equatorianos alcançou 1.183.685 de pessoas, representando 6,85% da sua população. Os Estados Unidos e Espanha são os países com mais com o maior número de equatorianos (DATOSMACRO, 2019).

Voltemos à história da menina. Foi nessa época que ela começou a se imaginar como seria viver num país que não fosse o seu. Depois de dois anos, um feliz dia os pais dela resolveram cumprir um de seus sonhos e presentearam-na com uma viagem para visitar a tia e

os primos que tanta falta faziam na sua vida. Ela nunca tinha se sentido tão especial, tão bem acolhida.

É sabido o quão importante é para o migrante receber a família em sua casa, pois não é só porque se está recebendo uma visita, mas também porque se está enviando uma mensagem para aqueles que ficaram no país de origem, preocupados: “*Eu estou bem*”.

Esta menina sou eu. Essa dissertação é inspirada em minha tia. Aquela menina que tinha 12 anos, hoje é uma mulher equatoriana migrante, que vive no sul do Brasil e tem 34 anos. Terminei formando-me no meu país como engenheira em administração de empresas, estou casada e, há quase 7 anos, a minha vida tomou outro caminho. Por causa do trabalho do meu marido, comecei a viajar e morar em outros lugares. Essa experiência fez com que eu enxergasse com meus olhos e sentisse na minha pele algumas situações relacionadas com a migração que terminam de costurar essa minha decisão de fazer essa pesquisa em Educação.

Em muitas ocasiões, fui aconselhada a lembrar *qual é o meu lugar*. Uma pessoa muito próxima, com o desejo de cuidar de mim, um dia me alertou: “Tome muito cuidado com as palavras que você usa dentro do aeroporto, lembre-se da cor da sua pele e do escuro dos seus cabelos.” Obviamente que, nesse momento, escutei com atenção, concordei, e tomei aquilo como uma sugestão para não ter nenhum tipo de problema nesse aeroporto. Afinal, o racismo e a xenofobia são fortemente evidenciados no caso das mulheres latinas, hispanas, como eu.

Apesar de todas as viagens que fiz, de alguma forma sempre consegui voltar para o meu país, o Equador. De fato, teve um período em que voltei para o meu país, arrumei um emprego, estava construindo uma vida independente, até que um dia a empresa na qual meu marido trabalhava fechou as portas, deixando-o com uma oferta de trabalho no estrangeiro. Dessa vez, precisávamos nos despedir de todos – família e amigos – e eu também me despedi dos meus planos no meu país. Desta vez, o ticket era só de ida.

Desde que começou esse meu percurso de migrante, percebi que mesmo sendo os motivos para migrar diferentes e as condições de vida atuais sejam também diferentes, são compartilhados com outros e outras migrantes sentimentos, situações e lutas. Assim, sendo um pouco nova e ingênua, me deparei com um mundo que só se escutava pelas redes sociais ou pelos noticiários. Um mundo cheio de xenofobia, de sexismo e de racismo; em geral, cheio de discriminação. Entretanto, me deparei com pessoas dispostas a trabalhar e lutar contra esses problemas.

Todos esses aspectos vão se entrelaçar em um conceito que irá aparecer nessa dissertação como uma combinação de vários fatores que atravessam principalmente as mulheres migrantes.

Trata-se do conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 1991), o qual desenvolverei mais adiante.

No percurso do migrante, existe uma frase, que anteriormente já foi mencionada: “*Eu estou bem.*” Ela aparece em mais de uma oportunidade. Pode ser utilizada para ocultar alguma situação difícil de contar e, assim, resistir, ou para evidenciar que aquelas dificuldades anteriormente vividas foram superadas.

Sendo que, no caso da minha tia, as vulnerabilidades são acrescentadas não apenas por ser migrante, mas também por ser mulher e latina. Certamente, o fato de ser médica outorgou algum tipo de consideração diferenciadora em contraste com mulheres que não têm esta formação, mas algumas situações relacionadas à xenofobia, ao machismo e sexismo foram aparecendo no transcurso da sua vida como migrante, especialmente no âmbito profissional. Por exemplo, quando minha tia deixou o Equador, ela quebrou o paradigma dentro da sua família de que “*apenas o homem tem que migrar primeiro*”. No seu caso, ela tomou a iniciativa e chegou ao Chile de ônibus. E, foi graças a essa iniciativa, que depois chegaram o seu marido e os seus filhos, e foram construindo esse caminho como migrantes.

Como colocam Cruz e Hillesheim (2016), a vulnerabilidade social se relaciona a algum tipo de prejuízo sofrido por um indivíduo ou um grupo. Nesta perspectiva, entende-se que os migrantes estão em situação de vulnerabilidade, visto que se deparam com prejuízos como a falta de possibilidades para a inserção dentro do mercado laboral; a fragilidade nas suas relações sociais; a irregularidade, principalmente da documentação para ter acesso aos serviços públicos ou outros tipos de proteção social, entre outros.

Hannah Arendt, em sua carta “*los refugiados*”, faz um relato de diversas situações que os judeus migrantes passaram para poder sobreviver, e como era o sentimento que a maioria carregava pela sua situação de migrantes, refugiados ou apátridas.

Hicimos todo lo que pudimos para demostrar a los demás que no éramos más que inmigrantes ordinarios. Declaramos que habíamos partido por nuestra propia libre voluntad a países de nuestra elección [...] habíamos dejado nuestro país porque un buen día ya no nos convenía quedarnos [...] Queríamos rehacer nuestras vidas, eso era todo. (ARENDR, 2009, p. 353).

Com isso em mente, resolvi fazer um relato de algumas das diferentes situações que tenho vivenciado no meu percurso fora do Equador os quais vão poder se entrelaçar com a filósofa que não apenas escrevia sobre judeus, pois ela mesma foi obrigada a deixar o seu país e converter-se em uma “recém-chegada” em alguns outros países que a acolheram.

- Um dia, fazendo fila no caixa dentro de um supermercado em um país da Europa, uma pessoa tropeçou em mim não intencionalmente e, como resultado, terminei encostando

um pouco nas costas de uma mulher idosa. A reação da idosa foi me empurrar e sacudiu as suas costas com uma expressão enojada em seu rosto. “A la luz del día nos convertimos sólo en extranjeros enemigos: todos los refugiados lo saben” (ARENDDT, 2009, p. 355).

- Em outro país da Europa, um homem se aproximou e solicitou que eu – uma mulher equatoriana – levasse o café para sua mesa.

A ello debe agregarse que cuando se diseñan políticas migratorias que tienen como modelo a las mujeres, se hace hincapié en su condición vulnerable ante la trata de personas, lo que resulta común en las estrategias de securitización o debido a **roles tradicionales de género** que le asignan la responsabilidad, en algunos casos absoluta, sobre los cuidados de los hijos/as y del hogar [...] Esto implica que se dé una sobre especificación (cuando las políticas se refieren a los roles tradicionales), lo que no en pocos casos genera que se profundicen las desigualdades y las exclusiones. (FERNÁNDEZ, 2019, p. 158 grifo meu).

- No mercado público depois de me apresentar para uma moça como equatoriana, ela responde: “*Você não pode ser equatoriana, as equatorianas não são assim, seguramente você é colombiana ou venezuelana. As equatorianas são indígenas.*” (Um grande grupo dos migrantes nessa onda migratória do ano 2000 foram equatorianos da parte andina do Equador).

Nos hemos vuelto un poco histéricos desde que los chicos de la prensa empezaron a detectarnos y a decimos públicamente que dejáramos de ser desagradables al comprar la leche y el pan. Nos preguntamos cómo es posible hacerlo; somos ya tan condenadamente cuidadosos en cada aspecto de nuestra vida cotidiana para evitar que nadie adivine quiénes somos, qué clase de pasaporte tenemos, donde se rellenaron nuestros certificados de nacimiento [...]. (ARENDDT, 2009, p. 359).

Essas e outras situações vivenciadas por mim, relacionadas à discriminação como migrante, me levaram à procura de uma mudança no rumo de meus estudos. No Equador, antes de viajar para o Brasil, estava pronta para começar o mestrado em Relações Internacionais, mas tudo teve que ser mudado por causa dessa nova vida que escolhi ter.

Cheguei no sul do Brasil, numa cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, no inverno do ano de 2019. A primeira mudança: o clima era muito frio. Mas isso não fez com que eu mudasse meus planos; estava decidida a fazer o mestrado e a minha procura por ele começou 3 meses depois. Para a minha alegria, o programa de Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC tinha uma linha de pesquisa que me pareceu interessante – Cultura, Educação e Produção de Sujeitos. Depois de ter conversado com professores das outras linhas de pesquisa que atuam no programa, a professora Betina Hillesheim terminou aceitando orientar esta dissertação. Assim, esta pesquisa foi realizada por uma mulher equatoriana migrante no seu



encontro com outras mulheres migrantes venezuelanas, em uma cidade do interior do Brasil.  
Os movimentos deste percurso são apresentados conforme descritos na seção 2.2.3

## 1 O INÍCIO DA BUSCA POR “ALGO MELHOR”

Os motivos para migrar podem ser variados, mas, em geral, trata-se de uma busca por novas oportunidades e uma “vida melhor”. Tudo isso tem feito com que os migrantes sejam parte ativa do progresso das sociedades que os acolhem, pois eles estão relacionados de maneira muito próxima com as transformações sociais, econômicas e políticas. Ao mesmo tempo, hoje, costuma-se pensar que as crises econômicas e sociais nos países de origem, são o motivo principal que levam as pessoas a migrar, assim como a falta de emprego ou falta de segurança.

Yuval Harari (2014) afirma que as migrações ocorrem no mundo há muito tempo, desde o momento que o *homo sapiens* começou procurar outras terras, isto é, há mais de 10 milhões de anos. Harari diz que poderia se pensar que os movimentos migratórios no mundo começaram desde a revolução cognitiva.

El Homo Sapiens se extendió desde África Oriental a Oriente Próximo, hasta Europa y Asia, y finalmente hasta Australia y América; pero dondequiera que fuera, los sapiens continuaron viviendo también mediante la recolección de plantas silvestres y la caza de animales salvajes. (HARARI, 2014, p. 95).

Entretanto é preciso dizer o que há de diferente nos processos migratórios contemporâneos, visto que a migração, embora sempre tenha existido, hoje ganha outros contornos. Como ressalta Weber (2017):

Com os deslocamentos internacionais, ligados com a acelerada mobilidade e descentralização do trabalho no cenário contemporâneo, as migrações passaram a ser elementos fundamentais numa pauta de discussões e preocupações em torno da formulação de políticas públicas de saúde, de educação, de habitação, de previdência e de assistência que possam dar conta da questão do trabalho e da proteção social em toda sua complexidade. Principalmente, após o ano de 2015, as questões migratórias passaram a ser estampadas em uma imensa gama de reportagens de grandes jornais e meios midiáticos ao redor do mundo. (WEBER, 2017, p. 15)

Na presente dissertação, utiliza-se os termos “migrantes econômicos” e “migrantes refugiados” (BAUMAN, 2017), entendendo o “migrante econômico” como aquela pessoa que sai do seu país por outro emprego, por educação ou para reencontros familiares. Este tipo de migrante pode estar enfrentando também calamidades como a fome ou a extrema pobreza. Por outro lado, o termo “migrante refugiado” é utilizado para falar sobre aqueles migrantes que saíram dos seus países por causa dos conflitos armados ou pela violência e para quem possa ser extremamente perigoso retornar. Esse tipo de migrante, muitas das vezes, são pessoas que não possuem os documentos apropriados para fazer essa migração e não podem ou não querem voltar ao seu país por medo ou por risco de perder a sua vida ou a sua dignidade. Neste caso, eles e elas são pessoas indocumentadas e podem fazer o pedido de refúgio no Brasil:

No Brasil, a lei de Migração não criminaliza a migração em situação irregular nem os meios de entrada da pessoa ao país. O Brasil promove a regularização migratória (ENAP, p. 7, 2021).

A partir disso, este trabalho apresenta um estudo relacionado às migrações de mulheres venezuelanas no sul do Brasil, analisando quais são as experiências educativas desse grupo de mulheres e como essas experiências possibilitam seus processos de resistência. Entende-se que estas mulheres são, em alguns casos, migrantes econômicas e, em outras situações, refugiadas. Assim, tendo em vista as condições de vulnerabilidade das mulheres migrantes, discute-se as formas pelas quais elas buscam lidar com as dificuldades da experiência migratória, entendendo que o grupo de mulheres constitui um espaço não-escolar que possibilita experiências educativas.

Já falando especificamente das mulheres migrantes, se pode inferir primeiramente que as migrações nunca foram neutras com relação ao gênero: para a mulher era dado o papel da passividade, da espera ou apenas o de acompanhar o marido nos seus destinos. Mesmo elas tendo um trabalho no país de destino, não era considerado um trabalho importante dentro da sociedade. Morokvasic (1984), em seu artigo “Birds of passage are also women” diz que os trabalhos feitos pelas mulheres nativas ou pelas mulheres migrantes não encaixavam dentro do que é reconhecido como trabalho, por isso não existem dados oficiais sobre o trabalho feminino (MOROKVASIC, 1984, p. 887).

Migration is a liberating process and results in a modicum of sexual equality [...] It is a rejection, conscious or unconscious, of traditional female roles [...] Migrant women experienced an absolute improvement in status and their position in the family would be strengthened (MOROKVASIC, p. 892, 1984).

No início desta pesquisa, tive alguns inconvenientes no momento de procurar dados relacionados às migrações de mulheres ao redor do mundo, isso quer dizer que, eu tive que experimentar no percurso da minha pesquisa essa falta de informação, de dados em tempos passados que falem sobre como tem sido a migração para as mulheres em outros tempos. Encontrei um livro chamado "A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens" de Gerda Lerner, onde não apenas encontrei o caminho que estava procurando para entender quais os aprendizados que podemos obter através das migrações das mulheres, mas também achei que eu não era a única pessoa que tem passado pela frustração de não encontrar dados históricos sobre mulheres.

Prefácio: imagine viver em um mundo em que as mulheres são consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que as mulheres não são dignas de ter sua história contada. Assustador, não é? Pois vivíamos exatamente nesse mundo até poucas décadas atrás. (ARONOVICH, p. 15)

Nos últimos anos, aos poucos começam a aparecer pesquisas sobre migrações femininas, fazendo com que essa condição de invisibilidade das mulheres venha se modificando, pois cada vez mais pesquisadores e pesquisadoras têm se interessado nas investigações sobre mulheres. Crenshaw (1991), através do conceito da interseccionalidade se faz um convite para pensar a colisão das estruturas que facilitam esses mecanismos de exclusão, tais como o racismo, o sexismo, a xenofobia, assim como diversas formas de opressão e de subordinação que, na tentativa de atribuir à mulher uma identidade única, evidenciam que são problemas construídos dentro das sociedades.

A menina, que virou mulher migrante, agora também é a pesquisadora dessa dissertação, e é através dos seus olhos que as histórias irão aparecendo. No início do mestrado, no ano de 2020, foi muito complicado encontrar dados atuais sobre mulheres migrantes. Assim, estando numa cidade com uma história de colonização “alemã”, eu conseguia informações sobre aquela migração do século XIX, quando o migrante que chegou era o imigrante branco, europeu; enfim, com um fenótipo de migrante muito diferente do venezuelano. É esse o motivo principal pelo qual essa dissertação é focada nas mulheres migrantes venezuelanas, buscando pensar nos processos contemporâneos migratórios, com corpos não-europeus.

A pesquisa dessa dissertação foi feita numa cidade chamada Venâncio Aires, localizada a aproximadamente uns 127 km da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Venâncio Aires tem consigo tradições e costumes específicos daquela migração do século XIX, a “migração alemã”. Aliás, é muito comum escutar nas ruas da cidade que se trata de uma cidade de migrantes alemães. Assim, a seguir, faço uma breve contextualização sobre as distintas migrações na região (a migração germânica no século XIX e o atual fluxo migratório venezuelano), com o intuito de traçar os contornos do cenário que as mulheres venezuelanas encontram.

### **1.1 A colonização europeia no Rio Grande do Sul e a migração venezuelana: contrastes e aproximações.**

Segundo o artigo “Marcas da chegada dos imigrantes” de Cassiane Rodrigues do jornal Folha do Mate, jornal da cidade de Venâncio Aires, dizer que se trata de uma migração alemã é incorreto, pois, nessa época, quando a migração começou (século XIX), a Alemanha como país não existia, tanto que os imigrantes boêmios, na verdade, vieram da parte que hoje é conhecida como República Tcheca, ou como os imigrantes da Pomerânia, cujo território hoje é

compartilhado pela Polônia e pela Alemanha. Assim, a historiadora Angelita da Rosa vai nos dizer que “É correto dizer que, na verdade, o que se tem é uma imigração da cultura germânica” (RODRIGUES, 2020).

"O processo de unificação do Estado alemão estava em andamento através das políticas aduaneiras criadas em 1834 (Zollverein) que visavam à maior integração econômica e comercial dentro da Confederação do Reno". (SILVA, p. 112).

Mas quem foram esses migrantes? Como chegaram aqui no sul do Brasil? Pois bem, existe algo de literatura que pode ser resgatada das livrarias da cidade. Em geral, são histórias romantizadas relacionadas a essa migração da “cultura germânica”. Na minha tentativa de compreender a realidade de hoje, decidi procurar por literatura e encontrei uma obra que, embora seja um relato em formato de novela, nos ajuda a visualizar as chegadas dos imigrantes, especificamente quais os contextos em que essas pessoas chegaram no sul do Brasil.

Mildo Léo Fenner<sup>3</sup> (2014) escreveu uma novela sobre uma história de migrações que, embora seja um romance, nos ajuda a situar o tempo no qual as migrações europeias aconteciam, e assim tentar imaginar quais eram as situações nas quais esses migrantes chegaram no Brasil, entendendo que também essas pessoas tinham uma história nos seus países de origem, carregadas de culturas, tradições, sofrimentos e experiências. Essa novela de certa maneira me ajudou a visualizar aquele movimento migratório que aconteceu no sul do Brasil, no século XIX, desde a Europa, com um pouco mais de detalhe – algo importante para alguém que também estava na condição de *forasteira* nesta região e precisava se apropriar melhor dos aspectos culturais da mesma.

Além disso, dentro de biblioteca da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, me deparei com um texto de Mozart Linhares da Silva, intitulado *Educação, Etnicidade e Preconceito no Brasil*. O livro, indicado pelo próprio autor, em seu último capítulo nos leva pelas trilhas das migrações do século XIX.

As dificuldades iniciais enfrentadas pelos colonos são narradas por vários historiadores da região: o isolamento da Colônia; o "abandono" do governo Provincial no que se refere a inúmeras provisões e auxílios; as dificuldades com a língua; o estranhamento em relação às culturas já estabelecidas na região entre outras. (SILVA, p. 114).

Primeiramente, é importante saber que no século XIX, a Europa era um continente carregado de conflitos bélicos, de revoluções políticas e de revoluções econômicas. Tudo isso levou muitos europeus dos mais variados países a viverem situações críticas de pobreza e de

---

<sup>3</sup> Jornalista, professor de Literatura, advogado natural de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul.

fortes repercussões sociais (SILVA, 2007). Muitos deles migraram em busca de melhores oportunidades para eles e suas famílias. No caso dos migrantes que chegaram ao sul do Brasil, vamos encontrar grupos dos mais variados.

Em relação à classe social puderam ser encontrados deportados, integrantes da nobreza, membros do clero, médicos, artesãos, mas principalmente agricultores com suas famílias, dentre os quais dinamarqueses, noruegueses, austríacos, suíços, finlandeses, poloneses, suecos, russos, sem esquecer da diversidade dos que se autodenominavam alemães, visto que não existia o Estado alemão. Assim, vieram imigrantes dos principados da Renânia, da Prússia, da Saxônia, de Hamburgo, entre outros. Da mesma maneira existia a heterogeneidade religiosa, pois vieram católicos, luteranos, judeus, maçons, anabatistas etc. (SILVA, p. 113).

As pessoas que chegaram na cidade de Venâncio Aires nessa época foram, em sua maioria, convidadas pelo governo brasileiro, que através dos chamados agenciadores, chegava na Europa com um projeto de propagandas em que faziam promoção do Brasil nas pequenas aldeias para oferecer os mais variados incentivos para, assim, tentar convencer aquele povo a migrar, uma vez que, por causa das guerras, pobreza e fome, eram vistos como potenciais colonizadores destas terras “desabitadas” no sul do Brasil.

Por seu lado, o Estado brasileiro visava, desde o início do século XIX, ocupar suas áreas devolutas e proteger as fronteiras ainda incertas, sobretudo no sul do país. A propaganda imigrantista na "Alemanha" e os agenciadores se incumbiram de organizar o deslocamento dessa população, de acordo, pelo menos em tese, com os critérios do governo brasileiro. (SILVA, p. 112).

Em contrapartida, o que se oferecia era:

O sul do Brasil, país de índole pacífica, clima temperado, sem conflitos militares, terras abundantes e férteis e onde ganhava-se dinheiro fácil, como diziam os agentes de migração, repetindo a propaganda distribuída na aldeia. (FENNER, 2014, p. 42).

É assim que começa essa época conhecida como a época da colonização germânica no sul do Brasil, pessoas que chegaram ao país com ofertas de um país cheio de bondades que alguns chamavam o país do *leite e mel*. Só que aquela oferta não condizia totalmente com a verdade. Tal situação é relatada no romance escrito por Fenner:

A chegada da primeira leva foi terrível. [...] Na viagem, crescia a expectativa para conhecerem o porto. No lugar chamado Cerro Chato, todos desembarcaram e constataram que não existia porto algum e sim apenas caminho mato adentro. [...] O que devia ser uma festa, [...] rapidamente transformou-se em raiva e um sentimento de terem sido iludidos. Esperavam outra banda de músicos, mas havia apenas matos, gritos de animais e, logo à noite, a escuridão. (FENNER, 2014, p. 100-101).

Entretanto, o tempo passou e hoje esses migrantes são reconhecidos como pessoas que “conquistaram” as terras brasileiras. O colono de origem germânica é visto como um exemplo a seguir e, em muitos casos, são idolatrados pelos seus descendentes.

A colonização é entendida assim como uma epopeia civilizatória que, partindo de todas as dificuldades iniciais, consegue emergir triunfalmente. A figura "heróica" que emerge desse tipo de argumento é a do colono pioneiro, que transformou a selva

brasileira em civilização, apesar de todas as dificuldades e da omissão do Estado. (SEYFERTHM, 1994b, p. 107).

Desta maneira, a partir do que se pode chamar como idealização do migrante europeu, na medida que, historicamente, sua vinda veio ao encontro da formação de um tipo nacional (o denominado branqueamento da população, que tinha por objetivo o clareamento das gerações futuras, mediante processos de miscigenação racial), Hillesheim, Löbler, Pereira e Holderbaun (2021), ao analisarem os documentos produzidos pelas câmaras de vereadores de três municípios de colonização alemã (Santa Cruz do Sul, Lajeado e Venâncio Aires), discutem como há um contraste entre um enaltecimento dos migrantes europeus e uma invisibilidade, nas sessões legislativas, referente às migrações contemporâneas. Nesta mesma perspectiva, Silva e Weschenfelder (2010) destacam que a própria historiografia se encarregou da construção de um mito épico-pioneiro que desconsiderou as populações não-brancas nestas regiões.

Portanto, é numa região com estas características que, nos últimos anos, têm chegado outros fluxos migratórios (haitianos, venezuelanos, senegaleses, entre outros). Neste contexto, é imprescindível compreender quais as condições da migração venezuelana para o sul do Brasil. No contato com as mulheres venezuelanas, uma das afirmações mais comuns é que a Venezuela é um país de migrantes, em outras palavras, por muito tempo foi um país que acolhia migrantes de vários países no mundo que decidiram ficar e fazer a sua vida ali. Por muito tempo, a população venezuelana existia entre nacionais da China, Portugal, Holanda, Alemanha etc.

[...] Nosotros venimos de un país que fue acogedor, Venezuela tiene una colonia de cada país, Venezuela tiene alemán, porque tenemos una ciudad que se llama la Colonia Tobar, que es muy parecida a Gramado, solo que no cae nieve, mas es fría [...] hay una sociedad multicultural en cuanto a los países que hicieron vida en Venezuela. Muchos se han ido por la situación venezolana, pero nosotros estábamos acostumbrados a compartir con el portugués, con el italiano, con el turco, y de hecho hubo una migración muy importante Libia y muchos estaban en Venezuela [...] (Relato 3, 2021)

Um dos fatores que contribuía para isso era a localização geopolítica do país. Desta maneira, se pode pensar a Venezuela como um campo de disputas geopolíticas, principalmente por ser um país rico em recursos minerais como o petróleo (VASCONCELLOS, 2021).

O petróleo é o elemento central na composição desse cenário. O “ouro preto” foi responsável por mudanças expressivas na economia e na política do país. A descoberta dos primeiros poços de petróleo, ainda na década de 1920, atraiu expressivo capital estrangeiro e consolidou um aparato estatal forte responsável pela distribuição da maior parcela de riqueza do país (VASCONCELLOS, 2021, p. 31)

Já a partir do início do século XXI, houve uma mudança nos fluxos migratórios: de país acolhedor, a Venezuela passou a ser um país propagador de emigrantes. Tal modificação se deu, especialmente, pelas políticas socioeconômicas que não foram suficientes para controlar

principalmente as mudanças abruptas do custo do barril de petróleo internacionalmente. Isso, combinado com uma série de eventos de corrupção, o país não conseguia se manter com uma economia estável. Hugo Chávez chega à presidência da Venezuela no ano 1999 com iniciativas governamentais que limitariam os direitos de propriedade e que afetariam os interesses econômicos de algumas empresas que terminaram sendo desapropriadas, nas quais também ocorreram demissões em massa de profissionais da indústria petroleira que não apoiavam o regime (VASCONCELLOS, 2021).

No que se refere à situação dos venezuelanos e venezuelanas de classe média baixa, foram eles e elas que sentiram mais fortemente os efeitos colaterais do descontrole econômico. Aqueles e aquelas que moravam perto da fronteira do Brasil entravam no país para comprar alimentos e itens de primeira necessidade que, depois, eram vendidos na Venezuela por valores muito mais altos.

Com o tempo, os embargos continuaram mesmo depois da morte de Chávez e a ascensão de Nicolás Maduro, os embargos econômicos foram reforçados, adicionando conflitos políticos especialmente com os Estados Unidos (FERNÁNDEZ, 2019).

De acordo com os relatórios enviados pela Alta Comissinada das Nações Unidas para os Direitos Humanos sobre a situação dos direitos humanos na República Bolivariana de Venezuela, os motivos para que os e as venezuelanas saiam do seu país envolvem questões de saúde, integridade e segurança, entre outras questões muito importantes e gravíssimas.

Violaciones de los derechos a la alimentación y la salud son los factores principales. Muchas personas buscan protección de su derecho a vivir con dignidad. Otros factores son la violencia y la inseguridad, el colapso de los servicios básicos y el deterioro del sistema de educación (OACNUDH, p. 14, 2019).

Em outras palavras, se poderia dizer que, talvez, as condições de vulnerabilidade são apresentadas desde o lugar de origem. É nessas condições que os e as venezuelanas empreendem esse percurso.

Ser violado significa ter a oportunidade de pensar sobre a violação, de descobrir os mecanismos de sua distribuição, de descobrir quem mais sofre [...] com uma violência inesperada, com a despossessão e com o medo, e de perceber a forma como sofrem. (BUTLER, 2014, p. 10).

Segundo o portal do UNHCR – ACNUR (2019), a agência da ONU para os refugiados, a incapacidade dos Estados para proteger aos seus cidadãos e cidadãs do terrorismo é outro motivo muito importante para migrar; nesse caso, esses migrantes estão procurando proteção. Nessa dissertação se evidenciou que, no caso da Venezuela, essa incapacidade do Estado de cuidar e proteger as vidas dos seus cidadãos, seja talvez a causa principal do êxodo de venezuelanos.



Las diferentes razones que dieron paso a la salida de Venezuela: La violencia Política, La Violencia generalizada -u otras razones de seguridad-, y la precariedad y dificultad de acceso a los servicios y derechos humanos esenciales, como: Salud, Alimentación y Educación. (RED CLAMOR, p. 7, 2020).

No começo da migração oriunda da Venezuela, saíram as pessoas com maiores recursos econômicos e estas foram capazes de chegar até lugares mais afastados, como Estados Unidos e Europa. Mais tarde, os êxodos migratórios entre as pessoas com recursos limitados são apresentados em condições muitas vezes precárias e, em sua maioria, ocorrem dentro da América Latina.

Neste contexto, antes da pandemia de COVID-19, entre mulheres, homens, crianças e idosos, chegou ao Brasil, primeiramente pelos estados de Roraima e Amazonas, um grupo de migrantes venezuelanos e venezuelanas que, posteriormente, migrou para Venâncio Aires, em virtude de uma promessa de trabalho por parte de uma empresa do município em questão. No total, 60 migrantes chegaram no dia 9 de janeiro de 2020. No que se refere às mulheres desse grupo, algumas deixaram seus filhos na Venezuela, outras viajaram com suas crianças ou, em alguns casos, grávidas. Além disso, mesmo que a maioria tenha migrado acompanhada por algum familiar, companheiro ou companheira, existem mulheres que fizeram a viagem sozinhas. Assim, a partir desta contextualização inicial, que traz o contraste de duas culturas – uma região que se entende como de “migração germânica” com um grupo de venezuelanas, discuto, na próxima seção, como se deu a construção do problema de pesquisa.

## **1.2 A construção do problema**

Esse trabalho nasce a partir da vontade de saber sobre qual a situação das venezuelanas no sul do Brasil, especificamente em uma cidade do interior, no estado de Rio Grande do Sul e, assim, também entender quais são os aprendizados que elas nos outorgam a partir da experiência da migração, conhecer como essas mulheres resistem e como isso se transforma num ensinamento para a sociedade, pois elas criam estratégias que as ajudam a resistir perante as dificuldades de ser migrante.

Na pesquisa realizada por Bandeira (2018), questiona-se sobre quais possibilidades a sala de aula oferece para ser o espaço de hospitalidade aos recém-chegados. Aqui, nesta pesquisa, será evidenciado tudo que essa sala de aula – compreendida como o espaço de encontro deste grupo de mulheres - pode aguentar, visto que ela carrega, e acolhe as lágrimas, sorrisos, histórias, experiências, desabafos, e muitas coisas mais que nesse caso as recém-chegadas trazem como bagagem:

No Brasil [...] a educação é competência dos governos federais, estaduais, e municipais, apesar desses dois últimos não possuírem competência específica em matéria de imigração, eles tratam do acolhimento imediato da população refugiada e imigrante nas suas salas de aula. (p. 21).

Dessa forma, apresenta-se o problema de pesquisa:

- Quais são as experiências educativas que esse grupo de mulheres constitui, em um espaço não-escolar, que possibilitam seus processos de resistência?

Assinala-se que, no percurso desta investigação, são considerados os espaços “não-escolares” os espaços formados pelas mulheres. Não é apenas o espaço físico onde elas tiveram os encontros e onde elas contaram as suas histórias; se trata de um espaço onde as mulheres, se transformaram numa fonte de vivências e experiências que educam. A vida delas representa a resistência de quem olha para as vulnerabilidades desde um ponto de vista que invita a entender que existe um grupo de mulheres que levam a outras a resistir, educando-as no sentido de como fazer essa resistência.

A partir disso, este trabalho se organiza da seguinte forma: no capítulo 1, denominado *Você não é daqui, não é? Logo vi pelo seu sotaque! (Os caminhos da pesquisa de uma migrante)*, se discute a minha experiência no transcurso da pesquisa, desde como me converti numa pesquisadora, passando pelos empecilhos iniciais, os conceitos que embasaram a análise e os procedimentos de produção de dados, explicando como foram construídos cada um dos encontros com as mulheres. No capítulo 2, chamado *As migrações não vão parar*, dividido em três subseções, são discutidos os dados produzidos pelo processo de pesquisa, apresenta-se as questões que levaram essas mulheres a migrar e as dificuldades durante o percurso, problematizando-se a condição de ser mulher migrante, a partir dos relatos das mulheres que foram parte desta pesquisa, bem como suas estratégias de resistência

## **2 VOCÊ NÃO É DAQUI, NÃO É? LOGO VI PELO SEU SOTAQUE! (Os caminhos da pesquisa de uma migrante)**

Para discorrer sobre as escolhas teórico-metodológicas desta dissertação, inicialmente é preciso marcar minha condição como uma pesquisadora migrante. É preciso dizer que, pelo fato de trabalhar com mulheres migrantes, queria encontrar uma metodologia que permitisse me aproximar como uma pesquisadora que, muitas vezes, também vivencia situações semelhantes e não queria me converter numa pessoa que apenas chegaria para *coletar* dados. Desta forma, entendia que tinha um compromisso ético no sentido de realmente fazer com que cada uma dessas histórias fossem escutadas e registradas. Nesta perspectiva, compreendia que as escolhas teórico-metodológicas deveriam me possibilitar interagir de uma forma integral, pois, afinal, eu sou mulher e sou migrante.

A partir disso, escolhi trabalhar com a cartografia. A cartografia foi trazida pela primeira vez pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). Os filósofos fizeram com que esse método fosse usado em outras áreas do conhecimento (RICHTER, I. et al, 2017). Conforme Barros e Kastrup (2009), um aspecto importante da cartografia é a ideia de acompanhar processos, sendo que, o cartógrafo, ao iniciar a pesquisa, se encontra numa situação de já começar pelo meio, visto que há, na maioria das vezes, um processo em curso. Neste sentido, a pesquisa não é compreendida como uma série sucessiva de etapas (coleta, análise e discussão de dados), uma vez que a processualidade se apresenta durante toda a investigação. O termo cartografia vem da geografia, um cartógrafo faz cartas geográficas, isto é, desenha certa paisagem, registrando seus contornos, seus acidentes (BOETTCHER, p.45)

A cartografia é um método que decidi utilizar para o trabalho com as migrantes, pois foi assim que consegui colocar o peso da pesquisa no que realmente é importante, nesse caso, a escuta das histórias das mulheres migrantes. Além disso, na medida em que a cartografia é um método de pesquisa intervenção, visto que não há uma dissociação entre conhecer e fazer (PASSOS e BARROS, 2009), foi possível, durante a pesquisa, ressignificar o próprio processo de migração.

Importante dizer que, como colocam Passos e Barros (2009), a cartografia inverte a própria noção de método, ou seja, ao invés de pensar o método como um caminho já definido que leva em direção a determinadas metas pré-estabelecidas, compreende-se que o percurso é traçado durante o próprio processo da pesquisa. Como traz Boettcher, a cartografia não é um programa com passos definidos, mas criação de ferramentas, de estratégias (2010). Essa *metodologia* fez com que tanto eu, como pesquisadora, como as pessoas pesquisadas estivessem

imersas na experiência da pesquisa. A cartografia ajudou com o processo da compreensão e assim viver e pensar de maneira diferente, tendo em mente que as formas de pensamento dos seres humanos articulado com as suas experiências deram o fruto desta pesquisa.

Isto afasta, muito claramente, a cartografia das metodologias de pesquisa pautadas apenas na informação – aí incluído o procedimento denominado “coleta”, bem como o procedimento e a análise das informações. (PASSOS. p.217, 2013).

A partir disto, entende-se que não se trata de uma *coleta* de dados, mas que os dados são produzidos durante a pesquisa, visto que “o observador está sempre implicado no campo de observação e a intervenção modifica o objeto” (PASSOS e BARROS. 2009, p. 21). E foi isso que aconteceu no percurso dos encontros, pois, mesmo que houvesse uma tabela de atividades planejada a cada encontro (como descrito a seguir), as perguntas e os apontamentos que surgiram foram feitos durante cada um dos encontros.

Romper com o paradigma cartesiano também implica a opção por uma outra lógica e, por consequência, uma outra metodologia. Não era mais a ação sistemática e linear, passo a passo, mas a busca de processos auto organizativos que aparecem na interação, na dialógica, no coletivo. [...] íamos inventado nossos caminhos no fluir da pesquisa, uma metodologia sem âncoras, sem terra firme, apenas um e outro porto seguro. Podemos, agora, com alguns nortes, começar a contar o nosso caminho percorrido e todos os acidentes/acontecimentos da viagem (BOETTCHER, p.37-38).

A partir dali, foram construídos os marcadores de análise (a condição migrante e o que é ser mulher migrante) que serão discutidos no próximo capítulo. Chamam-se marcadores da mesma forma em que num mapa vamos colocando marcas para identificar países, rios, oceanos, onde eu consegui ir marcando as temáticas que em cada encontro apareceram em conjunto com as mulheres, e assim ir costurando esse mapa com as experiências e vivências que cada uma de nós relatou. Os marcadores emergiram do próprio processo de cartografar, pois não são instrumentos construídos com antecedência (BOETTCHER, p.44).

Tendo em vista as questões de pesquisa, a análise dos dados apoiou-se nas discussões realizadas pelos estudos feministas e de gênero, utilizando, como operadores teóricos os seguintes conceitos: gênero e interseccionalidade. Assim, também desenvolvo, a seguir, as questões conceituais que possibilitaram a realização deste trabalho e, posteriormente, trago os procedimentos para produção de dados.

## 2.1 Campo Conceitual

Nesta dissertação, assume-se o conceito de interseccionalidade, discutido por Carla Akotirene (2019), como ferramenta teórico-metodológica para pensar as especificidades das experiências de mulheres no percurso migratório. Para fazer uma aproximação inicial com o

conceito, marco que este foi concebido a partir do movimento feminista negro nos Estados Unidos, na tentativa de preencher as lacunas deixadas por um feminismo hegemonicamente branco e, simultaneamente, por um movimento antirracista hegemonicamente masculino, que desconsideravam as opressões sofridas pelas mulheres negras, baseadas na sobreposição entre as categorias de raça e gênero (AKOTIRENE, 2019).

É importante marcar que o conceito não se restringe à intersecção entre essas duas categorias. Akotirene (2019), ao abordar a perspectiva da escritora feminista Kimberlé Crenshaw, quem se refere a interseccionalidade como “não sendo exclusiva para mulheres negras, mesmo porque as mulheres não-negras devem pensar de modo articulado suas experiências identitárias” (AKOTIRENE, 2019, p. 67). Tal conceito contempla, assim, “a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem” (AKOTIRENE, 2019, p. 24).

Nesse sentido, opera-se com a intersecção entre as categorias “mulher” e “migrante”, considerando-se que as mulheres migrantes possuem distintas experiências, bem como enfrentam obstáculos, discriminações e violências específicas em razão do gênero. Conforme Rosa, Hillesheim, Weber e Holderbaun, (2019), os fatores de vulnerabilidade que se impõem sobre os corpos de mulheres migrantes – os quais, por vezes, sobrepõem categorias marginalizadas de raça, classe, sexualidade e/ou identidade de gênero – se somam às adversidades que marcam os percursos migratórios, desde os Estados de origem até a chegada e o estabelecimento nas sociedades de destino.

Os autores demarcam, a partir da análise de documentos produzidos por organizações internacionais atuantes no campo das migrações e dos direitos humanos, uma série desses fatores de vulnerabilidade que recaem sobre as mulheres migrantes. Com base em estudo realizado pela ONU, que avalia os riscos à proteção de mulheres e meninas no contexto da crise migratória na Europa, Rosa, Hillesheim, Weber e Holderbaun (2019) afirmam que, embora homens e mulheres migrantes estejam expostos a inúmeras formas de violência e exploração, os corpos de mulheres são desproporcionalmente tomados como alvos dessas ações. Sobretudo no que diz respeito à violência sexual, os riscos para a população migrante feminina são maiores. O mesmo estudo aponta, segundo os autores, que a escassez de dados sobre tais cenários é um fator agravante à vulnerabilização desses corpos, visto que dificulta a formulação de estratégias de combate à violência de gênero nos processos migratórios.

Outro fenômeno que nos aponta para especificidades relacionadas ao gênero no contexto das migrações é aquele denominado *feminização da migração*. Novaes (2022) aponta que o

fenômeno se refere não somente ao aumento do número de mulheres migrantes ao redor do globo, mas também às especificidades de gênero nas dinâmicas migratórias, focalizando as experiências de mulheres. Um dos fatores de vulnerabilidade apontado pela autora é o fato de as mulheres migrantes ocuparem postos de trabalho mais precarizados do que os homens, “visto que são relegadas, muitas vezes, a trabalhos temporários, informais, em zonas rurais, de serviços sexuais, trabalhos domésticos ou no setor de cuidados com idosos e criança” (NOVAES, 2022, p. 58).

A histórica invisibilidade das mulheres nos estudos sobre migrações impediu que a relação entre gênero e migração fosse teorizada. Este cenário, Novaes (2022) aponta, tem se modificado paulatinamente. A autora mostra, em apanhado teórico, que, com as recentes transformações nos papéis de gênero, as mulheres têm assumido papel mais ativo nos processos migratórios. Permanecem, todavia, desigualdades no que se refere à exposição à violência e às condições socioeconômicas (ROSA; HILLESHEIM; WEBER; HOLDERBAUN, 2019; NOVAES, 2022).

Tendo em conta a produção e a manutenção de desigualdades de gênero nos processos migratórios, faço coro às proposições que Joan Scott (1995) apresenta em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, originalmente publicado em 1986. A autora marca o *gênero* como uma importante categoria de análise histórica, dado que se configura como elemento constitutivo das relações de poder, articulando-se mutuamente aos processos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Com base nesses pressupostos, Scott (1995) aponta direções metodológicas para historicizar e teorizar sobre o gênero, as quais endentemos apresentarem pontos de convergência com a noção de interseccionalidade. A historiadora diz que essa “nova história” deverá ter em conta que “o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que **inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça**” (p. 93, grifo meu).

Além disso, a autora sugere que as análises em torno do gênero não devem buscar uma origem ou uma linearidade explicativa das desigualdades entre homens e mulheres. Ao invés disso, ela afirma que a potência dessa categoria está no fato de que ela não pode ser isolada dos demais processos históricos e sociais, uma vez que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, bem como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Nesse sentido, qualquer análise que separe o objeto “gênero” de outras categorias históricas, tais como raça e classe, é insuficiente para compreender como se produzem as relações hierárquicas e desiguais

entre os gêneros, bem como o seu papel construtivo nos demais processos sociais. Aqui, destaco as migrações, para contemplar a temática desta dissertação.

Para isso, Scott (1995) argumenta que deve-se ter em conta os modos como as relações de gênero se manifestam em distintos contextos históricos e sociais, uma vez que o primeiro se articula aos últimos de maneira tão imbricada que eles se tornam interdependentes. Assim, para a autora, não basta reconhecer o gênero como instância cultural que impõe determinados papéis sociais a um sexo biológico; é preciso operar com este conceito como categoria de análise, pois ele não somente é atravessado pelas relações de poder, mas também é constitutivo delas, tornando-se um dos principais domínios das relações sociais.

Ao pensar as problemáticas específicas que se impõem às mulheres migrantes, o pensamento de Judith Butler (2021) também auxilia a interseccionalizar o gênero com outras categorias. Para a filósofa estadunidense, não se pode considerar as mulheres como sujeitos fixos, homogêneos e universais. Outros marcadores se relacionam ao gênero, de modo que não é possível separá-lo dos demais elementos sociais, políticos e culturais que atravessam os sujeitos. Nesse sentido, Butler (2021) diz que:

Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é, o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, **e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnica, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.** (BUTLER, 2021, p. 21, grifo meu).

Tais intersecções, como se destacou antes, nem sempre foram contempladas pelos estudos feministas. Diversas autoras, especialmente mulheres negras como bell hooks, Audre Lorde, entre outras, alertavam que, nos estudos feministas iniciais, a voz dominante era das mulheres brancas. Tinha-se, assim, um feminismo hegemônico, que falhava em considerar os atravessamentos das categorias de raça, bem como as de orientação sexual, e identidade de gênero (AKOTIRENE, 2019).

Assim, passando pelos estudos feministas negros, retornamos ao que Crenshaw chama de interseccionalidade como “a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder” (AKOTIRENE, 2019, p. 67) e que, como vimos, não se restringe às mulheres negras, pois nesse caso poderiam ser envolvidas as mulheres não-negras, transexuais, travestis e queers, assim como, de acordo com Magliano (2015), as mulheres migrantes.

Indo pela mesma linha de pensamento, na América Latina, o conceito de interseccionalidade demorou para chegar nos estudos feministas, sendo que, nas pesquisas relacionadas às migrações demorou ainda mais. Magliano (2015) assinala que é escassa a

literatura que analisa as potencialidades da interseccionalidade nos estudos sobre migrações internacionais.

Se tal conceito, na perspectiva de Crenshaw, se configura como uma *sensibilidade analítica* (AKORITENE, 2019, p. 14) que se abre a mulheres negras e não-negras, marcadas por diferentes posições de sujeito, esta dissertação se coloca entre essas lacunas apontadas por Magliano (2015), na medida em que trabalhamos com o conceito de interseccionalidade ao pesquisarmos com mulheres migrantes e latinas. Destaca-se que as vivências das mulheres migrantes são atravessadas pela relação direta com o poder que Crenshaw discute.

Na discussão dos dados, são abordadas algumas questões como a xenofobia, a empregabilidade, o sexismo, o machismo, entre outros atravessamentos nas experiências de mulheres migrantes. Compreende-se, assim, que interseccionalidade, como uma ferramenta conceitual, que nos permite articular *de maneira sensível* tais particularidades. Assim, os conceitos de gênero e interseccionalidade foram fundamentais para as análises realizadas neste trabalho.

## **2.2 Sobre os procedimentos metodológicos**

Desde que cheguei ao Brasil, eu e o meu marido moramos na cidade de Santa Cruz do Sul, uma cidade do interior que se localiza a 153 km da cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Como já tinha escrito anteriormente, eu sou equatoriana, especificamente da cidade de Guayaquil, sendo que, para nós, no Equador, era muito comum observar, nas esquinas, imigrantes venezuelanos com cartazes pedindo trabalho, dinheiro ou apenas comida para alimentar às suas famílias. Uma das primeiras coisas que me chamou a atenção foi que, em Santa Cruz do Sul, não encontrei esses migrantes que estava acostumada a observar nas ruas da minha cidade de origem.

Foi graças a essa curiosidade que fui levada à procura deles, os venezuelanos. Um dia, numa reunião do grupo de pesquisa do qual participo, a minha orientadora convidou uma das suas alunas do curso de Psicologia que trabalhava na prefeitura de Venâncio Aires e que desenvolvia um trabalho com migrantes no município. Assim, soubemos sobre a chegada de um grupo de 60 pessoas em Venâncio Aires.

A partir disso, me aproximei da trabalhadora social da prefeitura de Venâncio Aires e consegui conhecer o grupo de mulheres que aquela trabalhadora social construiu para ajudar com os enfrentamentos que cada uma dessas mulheres precisava fazer como resultado das suas



vivências como migrantes. A minha intenção inicial foi apenas conhecer o grupo e conhecer qual a situação dessas mulheres. A minha surpresa foi que dentro desse grupo não apenas encontrei um tipo de mulher, a mulher migrante, mas encontrei a mulher-mãe, a mulher-filha, a mulher-esposa, a mulher-sem mãe, a mulher-que canta, a mulher-que chora, a mulher-com marcas no coração, a mulher-com marcas no corpo, a mulher-resiliente, a mulher-sobrevivente. E, a partir do encontro com estas diferentes mulheres, foi sendo construída uma proposta de pesquisa. A seguir, descrevo os passos de construção da pesquisa.

### **2.2.1 O Encontro Inicial: aproximação com as mulheres**

As reuniões das mulheres com a trabalhadora social eram realizadas uma vez por mês e, numa dessas reuniões, tive a oportunidade de apresentar a minha proposta de trabalho, para fazer um convite diretamente àquelas mulheres. Cada encontro que a trabalhadora social planejava para as mulheres era muito especial, não apenas eram tratados os problemas das migrantes, mas também se tratava de música, de arte, de dança, entre outros temas.. Foi desses encontros que eu me inspirei quando eu montei os encontros para as mulheres migrantes que participaram nesta pesquisa.

Neste encontro, cheguei no dia 11 de novembro do ano de 2020 na escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Odila Rosa Scherer, acompanhada por um violão. Em um primeiro momento, procurei não falar nada em espanhol, somente português, eu até tinha pedido para a trabalhadora social que quando ela me apresentasse não dissesse a minha nacionalidade; esse foi o meu plano desde o início, me dei conta que eu precisava de uma aproximação amigável, a qual iria começar desde o idioma. Somente aqueles que moram num lugar onde a sua língua materna não é falada compreendem: dá um alívio, dá uma alegria, dá muita tranquilidade escutar a sua *língua materna*.

Foi assim que eu me aproximei delas e levei junto o meu violão porque a atividade que tinha planejado era cantar com elas uma música. A letra da música é a que segue:

<b>ME FUI<sup>4</sup> – Reymar Perdomo<sup>5</sup></b>	<b>Eu saí – Reymar Perdomo<sup>6</sup></b>
<p><i>Obligaba a mis ojos a no ver la realidad Creando excusas para no escuchar Yo me escudaba, no reaccionaba Pero, tarde o temprano, me tenía que marchar</i></p> <p><i>Y mi madre me ayudó, al vacío me lanzó Me dijo: Mi negrita, es con buena intención Yo soy tu madre y quiero verte volar alto Y no lo harás si te tengo entre mis brazos Y yo decía: ¿Cómo carajo se hace esto? Dejar mi casa, mi familia y mis afectos Dejar mi tierra y mis amigos ¿Por qué no todos se vienen conmigo? Y yo lloré, grité y pataleé Pero la vida me lo hizo entender Y agarré mi guitarra y mi equipaje Y dije: ¡Maduro, coño e' tu madre! Y me fui (yo me fui, yo me fui), me fui (ay, me fui)</i></p> <p><i>Con mi cabeza llena de dudas, pero me fui Y aquí estoy, creyendo en mi Acordándome de todo aquello que un día fui Despedirme fue duro en ese terminal Lloré todo lo que en un año se puede llorar Pero me fui pa' la frontera Espérense que ahora es que comienza mi odisea Me robaron, una maleta me llevaron Me quedé con la plata porque la tenía en la mano Seguí pa' 'lante, pa' atrás no vuelvo Si Dios me puso esto es porque yo puedo con esto Y así seguí, haciendo escala noche y día Crucé cuatro países en cinco días Corriendo al trote, comiendo poquito Hablando poco y llorando bajito Pero llegué como lo deben saber todos Pues esto se regó de cualquier modo No sé si esto es ahora, no sé si esto es pa' siempre</i></p>	<p>Obriguei meus olhos a não verem a realidade. Criando excusas para não escutar. Eu me protegia, não reagia, mas mais cedo ou mais tarde eu tive que ir. E a minha mão me ajudou, no vazio ela me jogou, ela me disse: minha filha é com boa intenção, eu sou a sua mãe e eu quero ver você voar alto, e você não vai voar, se eu tiver você aqui nos meus braços. E eu disse: como diabos se faz isso? Deixar minha casa, minha família, e meus afetos. Deixar a minha terra e os meus amigos. Por que todos eles não vêm junto comigo? E eu chorei, gritei e chutei, mas a vida me fez entender. E eu peguei o meu violão e a minha bagagem, e eu disse: Maduro Coño e' tu madre!</p> <p>E saí (eu saí, eu saí) e saí (ay eu saí) Com a minha cabeça cheia de dúvidas, mas eu saí</p> <p>E aqui estou eu, acreditando em mim, lembrando de tudo aquilo que um dia fui. Me despedir foi difícil naquela rodoviária. Eu chorei tudo que em um ano se poderia chorar, mas eu fui para fronteira. Espere que agora é que a minha odisséia começa; me roubaram uma mala, eu fiquei com o dinheiro pois tinha ele na mão. Eu continuei na frente, pois para trás não volto. Se Deus colocou isso na minha frente é porque eu posso lidar com isso. E é assim como que eu continuei fazendo uma parada de noite e de dia. Eu cruzei quatro países em cinco dias. Correndo, comendo pouquinho, falando pouco e chorando baixinho. Mas cheguei, como todos devem saber, pois isso se espalhou de qualquer forma. Não sei se isto é só agora, não sei se é para sempre, não sei se é pouquinho, mas para mim é o suficiente.</p> <p>E saí (eu saí, eu saí) e saí (ay eu saí)</p>

<sup>4</sup> Música de Reymar Perdomo intitulada “*Me fui*” (PERDOMO, R. 2016)

<sup>5</sup> Reymar Perdomo é uma cantora venezuelana que saiu do seu país por causa da crise que atualmente se vivencia no lugar. Reymar comoveu pelas redes sociais com a sua música *Me Fui*, na qual ela expressa as suas vivências desde o momento em que ela decide migrar desde seu país sem saber o lugar onde ela iria chegar. Atualmente a cantora reside em Bogotá (CARACOL RADIO, 2019)

<sup>6</sup> Tradução de espanhol ao português feita pela autora do projeto.

<p><i>No sé si esto es poquito, para mí fue suficiente Me fui (me fui), me fui (me fui) Con mi cabeza llena de dudas, pero me fui Y aquí estoy (aquí estoy), creyendo en mí (creyendo en mí) Acordándome de todo aquello que un día fui No me detengo, sigo en la lucha Pues yo sigo haciendo música y la gente me escucha Ser inmigrante no es jodedera Y el que diga lo contrario que lo diga desde afuera Ahora camino por el mundo soltando lágrimas Respirando profundo y mi bandera en la mano Por qué, si todos somos hermanos Y somos producto latinoamericano Me fui, me fui Con mi cabeza llena de dudas, pero me fui Y aquí estoy, creyendo en mí Acordándome de todo aquello que un día fui Me fui, me fui Con mi cabeza llena de dudas, pero me fui Y aquí estoy (aquí estoy), creyendo en mí (sin perder la fe) Acordándome de todo, de todo lo que un día fui Me fui (ay, me fui, me fui, me fui) Me fui (ay, me fui, me fui, me fui) Llevo tu luz y tu aroma dentro de mí Me fui, me fui (pero volveré) Acordándome de todo, de todo lo que un día fui Me fui Creo en mí, creo en ti, creo en el Bravo Pueblo</i></p>	<p>Com a minha cabeça cheia de dúvidas, mas eu saí E aqui estou eu, acreditando em mim, lembrando de tudo aquilo que um dia fui. Eu não paro, continuo na luta. Continuo fazendo música e as pessoas me escutam. Ser imigrante é algo sério, e quem disser o contrário, que o diga desde lá fora Agora eu caminho pelo mundo largando lágrimas, respirando profundo, e a minha bandeira na mão. Porque se todos somos irmãos, e somos produto latino-americano. E saí (eu saí, eu saí) e saí (ay eu saí) Com a minha cabeça cheia de dúvidas, mas eu saí E aqui estou eu, acreditando em mim, lembrando de tudo aquilo que um dia fui. E saí (eu saí, eu saí) e saí (ay eu saí) Com a minha cabeça cheia de dúvidas, mas eu saí E aqui estou eu, acreditando em mim, lembrando de tudo aquilo que um dia fui. E saí (ay eu saí, eu saí, eu saí) E saí (ay eu saí, eu saí, eu saí) Levo a sua luz e o seu aroma dentro de mim E saí, eu saí (mas voltarei) Lembrando-me de todo, de todo o que um dia fui Eu saí Acredito em mim, em você e no Bravo Povo</p>
---	--

Durante a execução da música, muitas lágrimas caíram e muitos sorrisos também. Foi assim que começou uma conversa muito profunda e cheia de detalhes, pois aquela música traz consigo um relato real, que muitas dessas migrantes tiveram que vivenciar. Tendo em vista a experiência inicial com o grupo, expliquei para elas que gostaria de organizar 4 momentos de encontros para discutirmos sobre as questões relacionadas a ser uma mulher migrante. Assim, descrevo a seguir, os materiais que selecionei como ferramentas que me ajudaram a viabilizar situações de resistência vivenciadas por migrantes, e assim poder construir os relatos de resistências em conjunto com elas.

***Desde Lejos – Música trazida do álbum The Other Side of My Heart***

Diretora artística e voz: Lorena Guillen Tango Ensemble

Música: Alejandro Ruty

Año 2017

***Leitura da carta: Escritos judíos: Nosotros, los refugiados***

Autora: Hannah Arendt

Editorial: Paidós

Idioma: Espanhol

Ano de publicação: 2009

Nacionalidade da autora: Alemanha

***Leitura do depoimento: Villa Caracas, Barranquilla, Colombia***

Autora: Anônimo / Relato 06

Editora: Red Clamor

Idioma: Espanhol

Ano de publicação: 2020

Nacionalidade da autora: Venezuela

***Exibição do filme: Meu Corpo Minha Fronteira***

Roteiro e direção: Eduardo Mossri e Karen Menatti

Fotografia e Montagem: Flavio Barollo

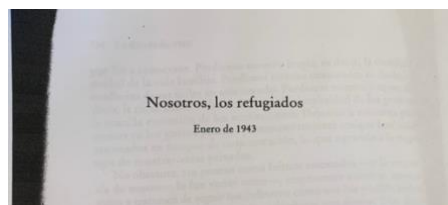
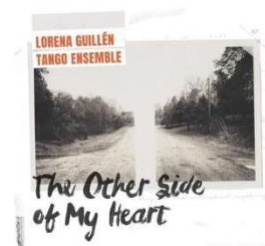
Idioma: Português

Ano de publicação: 2021

Elenco com identidade preservada

Realização: Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados

Brasil e Plataforma R4V para o PSEA – Proteção contra Exploração e Abuso Sexual.



Fonte: *Escritos Judíos. Carta escrita por Hannah Arendt. Janeiro 1943*



Fonte: *Capa do informe Pies Para que te tengo. Red Clamor, 2020.*



Fonte: *Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados no Brasil, 2021.*

Desta maneira, se planejaram 4 encontros com o grupo de mulheres (os quais, segundo o cenário pandêmico que estávamos vivenciando seriam presenciais ou virtuais, de acordo com os possíveis cenários descritos mais adiante). É importante destacar que os encontros foram atravessados pela pandemia da Covid-19. É necessário marcar que a luta também é compartilhada com a situação da pandemia, pois a Covid-19 atravessa essa dissertação de maneira profunda. A doença chegou para criar muita mais vulnerabilidade e precariedade nas mulheres migrantes.

O termo COVID-19 vem do inglês "*Coronavirus disease 2019*", e é uma doença que foi identificada pela primeira vez na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei na China. A doença é caracterizada pela falta de ar e cansaço. Segundo o portal OneWorld Data, até abril de 2022 a COVID-19 foi responsável pela morte de 6,23 milhões de mortes no mundo. A doença apareceu pela primeira vez no ano de 2019, sendo que, no Brasil, o primeiro caso foi reportado no dia 26 de fevereiro de 2020, tratando-se de um homem de 61 anos que chegou ao país vindo da Itália. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a situação pandêmica (UNA-SUS, 2020). Em julho de 2022, o Brasil registrava mais de 670 mil mortes.

Conforme a *Plataforma de Coordinación para Refugiados y Migrantes de Venezuela - R4V-*, em maio de 2020 foi preparado um documento chamado o Plano de Resposta para refugiados e migrantes 2020. Nesse documento podemos encontrar a grande preocupação da equipe, pois além da vulnerabilidade que vivenciavam muitos venezuelanos e venezuelanas refugiados e migrantes, se acrescentou o alto risco de eles e elas ficarem mais expostos à doença da COVID-19.

Com a propagação do COVID-19 na região, as pessoas refugiadas e migrantes, especialmente aquelas em situações irregulares, correm um alto risco de ficarem fora dos programas de saúde e bem-estar social, motivo pelo qual se tornam ainda mais vulneráveis em questões de saúde e proteção. (RMRP, p.9, 2020).

A partir de março de 2020, as mudanças com relação à pandemia começaram a ter efeitos negativos no mundo, e o Brasil também sofreu desses efeitos, pois o governo brasileiro fechou todas as suas fronteiras, limitando a circulação de pessoas. Assim, alguns dos grupos que sofreram as consequências negativas foram as mulheres, crianças e pessoas LGBTI+ refugiadas e migrantes venezuelanas.

As restrições de mobilidade destinadas à prevenção da propagação do COVID-19, tem resultado numa importante perda de ingressos e conseqüentemente a incapacidade de satisfazer as necessidades básicas; tem aumentado a discriminação e a xenofobia e se tem incrementado o risco até o ponto de chegar à situação de rua ou alojamento em condições precárias e inseguras. (RMRP, p.20, 2020)

Como efeito disso, após o encontro inicial, foi necessário aguardar para que as atividades presenciais retornassem, o que somente ocorreu em novembro de 2021. Inicialmente os encontros iriam ocorrer numa escola que estava fechada por causa da pandemia, mas depois, as escolas voltaram a receber de novos as crianças, não foi possível levar os encontros no mesmo lugar e finalmente, foram organizados 4 momentos de encontros numa sala de aula dentro do pavilhão de eventos na paróquia São João Mártir, dias 8, 22, 29 de novembro de 2021, e no dia 6 de dezembro de 2021.

Em cada um dos encontros, eu, que também sou migrante no sul do Brasil, em conjunto com o grupo de mulheres migrantes, buscamos discutir as questões relacionadas à condição de mulher migrante. Levei recursos que foram utilizados como gatilhos disparadores para conduzir as conversações entre as mulheres, criando um ambiente seguro, de confiança, empatia e apoio entre o grupo, especialmente nos momentos mais sensíveis das conversas. A organização dos encontros pode ser vista na seção 2.2.3

Para fins de análise, foram utilizados dispositivos para gravar cada um dos encontros, os quais terminaram sendo transcritos. Além disso, levei junto um caderno que serviu como diário de campo, onde foram registradas algumas situações específicas relacionadas às emoções que talvez não puderam ser registradas nas gravações.

### **2.2.2 Quem são as Mulheres que Participaram da Pesquisa**

Em razão da pandemia, pela questão da segurança e cuidados de saúde, o número esperado de mulheres foi pequeno. Contando a minha participação nas reuniões, no total, fomos 5 migrantes que formaram parte dos encontros. Apesar do número de participantes ser pequeno, os atravessamentos dos temas como a vulnerabilidade, racismo, xenofobia, e sexismo foram aparecendo na medida em que se levavam os encontros, assim como os ensinamentos das mulheres sobre as vivências da experiência de migração.

No que se refere aos procedimentos éticos, o projeto foi aprovado pelo comitê de ética da universidade e cada mulher assinou um termo de confidencialidade, segundo o qual a pesquisadora está obrigada a proteger a identidade de cada uma delas. É nesse sentido que cada um dos depoimentos será registrado com o número de relato que vai corresponder a cada uma das mulheres que participaram nos encontros. A intenção é ressignificar o processo de migração e entender aquilo que precisa ser melhorado.

Tendo em vista isso, colocamos que a metodologia utilizada nos encontros foi a cartografia, especialmente porque através dela foi possível navegar entre os vários momentos vivenciados pelas mulheres migrantes, como suas experiências desde o país de origem, que é onde realmente começam cada uma das suas histórias, terminando no último encontro que foi finalizado com a identificação de cada uma do lugar de nascimento num mapa da Venezuela, onde de alguma maneira voltaram mentalmente para casa.

“... eso que dice ahí, - Una página se escribe sin borrar las anteriores, emigrar no es comenzar de cero, es continuar la historia – Yo no puedo decir que yo voy a comenzar de cero porque si yo comienzo de cero, borro todo lo que dejé atrás, y yo tengo una familia, tengo mis hijos, y si, hay posibilidades de traerlos luego, mas el resto de mi historia está allá...”(Relato 3, 2021)

Durante a pesquisa cada produção como cartas, e histórias trazidas de maneira escrita pelas participantes foram fotografadas, respeitando o anonimato previsto nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade para avaliação.

A partir destas considerações, apresento, a seguir, as mulheres que participaram da pesquisa: O relato 1 corresponde a uma mulher venezuelana do estado Bolívar da Venezuela que faz fronteira com o Brasil. Alguns anos atrás, antes da crise venezuelana, ela já tinha vindo ao Brasil, especificamente no ano de 2015, para cuidar de uma idosa na cidade de Boa Vista. A intenção nessa época não era migrar. Já no ano de 2017, chega ao estado de Roraima, de ônibus, junto com a sua filha de 15 anos; seu marido chegou ao Brasil um mês depois.



Após algumas tentativas de obter trabalho, para ele não foi fácil encontrar um trabalho no norte do Brasil, e o que ela ganhava, não era suficiente para manter a família. Foi assim que eles chegaram ao projeto de interiorização, com uma promessa de trabalho no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Venâncio Aires.

O relato 2 é de uma adolescente do estado de Miranda, na Venezuela. No período dos encontros ela já tinha 18 anos de idade. Não gostava da ideia de ter que deixar Venezuela, pois não queria deixar seus amigos e também porque ainda não tinha terminado o ensino médio. Enfim, não queria que nada mudasse na sua vida. Mesmo assim ela viu que dentro da casa faltavam muitas coisas, como a comida.



O irmão mais velho, que já tinha migrado para o Brasil em meses anteriores, falou com a outra irmã dela, e disse que poderiam começar a pensar numa viagem de férias para

experimental a situação no Brasil. A participante aceitou a viagem nesse contexto, tendo em mente que, como se tratava de um período de férias, teria um princípio e um final, ela voltaria para Venezuela em algum ponto, mas como ela conta no seu relato: *Con el tiempo, se acabó el límite de las vacaciones, y todavía yo seguía ahí, ¿Yo cuándo me devuelvo pa' mi casa?* (Relato 2, 2021)

Depois de estar por um tempo em Boa Vista, junto com o irmão que tinha um negócio de venda de comida, ela morava dentro de uma casa com mais outras 17 pessoas, em que apenas duas pessoas trabalhavam. O negócio do irmão não funcionou mais, e é nesse momento que chega uma oferta de trabalho para a irmã dela no Rio Grande do Sul, e apesar de o irmão desistir de continuar vivendo no Brasil, a irmã persiste em ficar no Brasil, especialmente pela oferta de emprego, só que como o irmão ficou sem renda, ele terminou regressando para a Venezuela, deixando as duas irmãs em Boa Vista esperando até que a viagem até o Rio Grande do Sul chegue (processo de interiorização).

Hubo un tiempo en que nosotros dormíamos en la rodoviaria, en unos refugios de allá, hasta que mi hermano consiguió hablar con el antiguo dueño de la casa, y él nos ofreció para dormir en el patio, mientras el viaje salía. (Relato 2, 2021)

No caso delas, a viagem finalmente chegou e através da operação acolhida chegaram no Rio Grande do Sul, na cidade de Venâncio Aires. A participante terminou o ensino médio no Brasil, e está estudando na faculdade.

A participante do relato 3 é do estado venezuelano chamado Anzoategui. Se trata de uma mulher acima dos 40 anos, que chegou no Brasil na companhia do seu esposo, deixando seus 3 filhos na Venezuela aos cuidados da sua mãe. Ela ingressou pela fronteira norte com a ideia inicial de migrar para o Peru, mas o projeto mudou e não puderam viajar para o país vizinho. Decidiram ficar no Brasil, esperando por alguma vaga de emprego através da Operação Acolhida.



Foi assim que chegaram ao sul do Brasil, pois mesmo o trabalho não sendo relacionado à sua área de profissão, a urgência de ajudar economicamente à sua família lá na Venezuela fez com que se tratasse de um trabalho numa lavoura no Rio Grande do Sul.

Ela junto ao seu marido trabalhavam numa cidade do interior chamada Lavras do Sul e, depois de um tempo, decidiram se mudar para Venâncio Aires.

O relato 4 corresponde aos depoimentos, perguntas e comentários realizados pela pesquisadora, pois ela, nesta pesquisa, participa também como um membro que compartilha



certas experiências e vivências, e que vai entrelaçando as suas experiências com as vivências das mulheres venezuelanas, para assim entender que se está falando de vidas que compartilham momentos, duros e não tão duros. No final as mulheres migrantes desse grupo de pesquisa, sem importar a nossa nacionalidade, somos mais parecidas do que realmente em geral se pensa.

O último relato é o número 5. Ela é uma mulher que migrou com a sua filha de 7 anos e o seu marido junto, deixando o resto da sua família, especialmente a sua mãe, lá na Venezuela. Ela tem pouco tempo na cidade de Venâncio Aires, 3 meses. Apenas seu marido é quem trabalha, ela fica em casa cuidando da sua filha, levando-a para a escola e ao mesmo tempo continuamente ela vai procurando algum tipo de emprego enquanto a filha está na escolinha.



A travessia dela começou nas trochas (ingresso administrativamente irregular), na fronteira entre Venezuela e Brasil. Ela relata o quão difícil foi cruzar. Aconselharam-na a fazer a inscrição na operação acolhida, pois a oferta de trabalho do seu marido era no sul do país. Ela tentou, mas infelizmente o trâmite, a documentação e os processos burocráticos fizeram com que ela seguisse a viagem pela sua conta com os seus próprios recursos.

Ela, junto com a sua família, chegou a Venâncio Aires e ficaram na casa de um amigo, onde moraram por aproximadamente 15 dias, depois conseguiram alugar um apartamento. A prefeitura da cidade tem doado para eles algumas coisas como colchões e itens para o apartamento.

### **2.2.3 Descrição dos encontros**

Inicialmente, no dia da proposta informei que os grupos seriam compostos por até 10 mulheres (sendo que, conforme a situação da pandemia, se assim for avaliado, podem ser reduzidos, de acordo com as orientações sanitárias). Além disso, saliento novamente que, em consonância com a proposta da cartografia, entendo que tanto eu como as mulheres venezuelanas migrantes participaram nesta investigação como um todo, buscando discutir formas de como resistir juntas, pois as participantes desse projeto são migrantes.

No primeiro encontro expliquei como cada momento seria levado a cabo. O mais importante desse encontro foi que pela primeira vez iríamos contar a nossa história para uma pesquisa universitária, foi criado o espaço de acolhimento para que cada uma das participantes se sintam seguras. Em cada um dos encontros elas foram recebidas com frases escritas no quadro da sala de aula, frases escritas por outras mulheres que como nós, decidimos sair do nosso país. No primeiro encontro as mensagens foram:

*“Una nueva página se escribe sin borrar las anteriores. Emigrar no es comenzar de cero, es continuar la historia”* (Mulher venezuelana morando no Brasil).

*“Emigrar es adoptar una nueva identidad difícil de definir, colocarte en la disyuntiva de no ser ni de aquí, ni de allá. Adoptar nuevas costumbres, adaptarse a ellas, mantener las antiguas, y cuidar de que no mueran”* (Mulher venezuelana morando no Equador).

*“Con el tiempo te das cuenta lo adaptable y valiente que has sido, cuanto te has enriquecido con toda nueva experiencia”* (Mulher equatoriana morando na Espanha).

Isso foi feito com o intuito de criar aquele espaço seguro, onde todas as nossas histórias importam, e devem ser escutadas. O primeiro disparador; uma poesia que foi convertida em música intitulada, *“Desde Lejos”*, Música do álbum *The Other Side of My Heart*:

*Desde Lejos*

*Miro de lejos*

*Resplandecer tu figura*

*Miro de lejos*

*Y la memoria se nubla*

*Desde Lejos*

*Un destello*

*Desde lejos*

*Yo te retengo*

*Solo fragmentos y gestos*

*Yo te retengo*

*En olores y en afectos*

*Desde lejos*

*Un destello*

*Desde lejos*

*Diretora artística e voz: Lorena Guillen Tango Ensemble*

*Música: Alejandro Ruty*



Ao final de cada encontro pedi para as participantes utilizarem os disparadores como recursos para criar, para pensar, para desenhar algo relacionado com a situação de cada uma delas como migrantes. No caso do primeiro encontro, cada mulher tinha que trazer uma escrita relacionada ao que o poema inspirou nelas.

No segundo encontro como já se tinha explicado anteriormente, para dar a bem-vinda às mulheres, coloquei no quadro mensagens de outras mulheres migrantes para elas, nesse caso as mensagens, foram:

*“Ahora que estoy fuera, me he dado la tarea de perdonar lo que ha pasado para poder seguir, poder ver hacia adelante”* (Mulher venezuelana morando na Colômbia).

*“Dios me puso en este camino porque yo puedo, puedo con esto y mucho más, porque soy una guerrera”* (Mulher venezuelana morando na Colômbia).

*“Cada cambio es duro, pero siempre será para mejor. ¡Si es lo que quieres, lo tendrás! Lucha por eso... trabaja para conseguirlo... lo que fácil viene, fácil se vá”* (Mulher venezuelana morando na Colômbia).

Uma das participantes tinha se inspirado no poema da Lorena Guillén, e trouxe consigo umas palavras que refletem sobre a situação de como ela sente a falta da sua família, mas ao mesmo tempo ela compartilha a forma de como ela transforma esse sentimento num ato de resistência.

### *Un día más...*

*Cada día es la misma rutina,  
Despertar, ir al trabajo, regresar a casa...  
Damos gracias a Dios por todo ese día a día y estar.*

*Sin embargo, esos momentos  
De descanso en el que te detienes a pensar  
Cuánto tiempo ha pasado,  
Y sigue pasando lejos de tu familia.*

*De que tus amigos también emigraron  
Y que no sabemos si algún día  
Los volveremos a ver.  
Golpea muy fuerte el corazón.*

*Cada día que pasa  
es uno menos de compartir con los tuyos  
Es ahí cuando extrañas el desorden del cuarto de tus hijos,  
Acompañarlos al colegio, y  
Llevarlos a la consulta médica  
Ir a verlos practicar,  
O acompañar a tu hija a una actividad de lo que a ella más le gusta*

*O simplemente...  
Ver una película en familia,  
Así todos terminemos dormidos,  
y después alguno cuenta en qué quedó la película...*

*Esos instantes son los que más extraño,  
Y por lo que continúo de pie...*

*Pensar en que mi familia me ama, y  
Sigue apoyándome  
Me da la fuerza para seguir,*

*Un día más...*

*Relato 3, 2021*



A atividade que estava organizada para o segundo encontro foi a carta intitulada “*Nosotros, los refugiados*” escrita em janeiro do ano 1943 pela escritora, filósofa, judia Hannah Arendt. No encontro se explicou um pouco sobre a vida da autora, especialmente sobre a experiência dela como imigrante judaica, apátrida e perseguida pelos nazis. A carta que originalmente é de 14 páginas, foi dividida em trechos de 16 cartões, os quais cada uma das participantes escolheria 2 cartões para depois ler na sala de aula, isso quer dizer que no total foram lidos 6 cartões.

A partir de cada leitura a pesquisadora fazia perguntas de opinião relacionada aos trechos lidos, onde foram aparecendo questões relacionadas ao otimismo, as políticas do governo atual de Maduro na Venezuela, sobre a identidade do venezuelano e o quão vulneráveis elas se sentiram no momento de decidir pelo protocolo de refúgio ou pela residência, outra questão que também apareceu foi a resistência perante a discriminação nas salas de aula do ensino médio na cidade de Venâncio Aires, finalmente e como dado interessante, antes de ler a carta, todas diziam que a história da Venezuela não tem nada de parecido com a situação que viveram os Judaicos na época do Hitler, porém ao finalizar a leitura da carta, todas concordaram que a história é muita parecida aos acontecimentos atuais na Venezuela, principalmente pelos casos de ter que fugir do país por questões de segurança e dignidade da sua vida, os casos das expropriações de empresas privadas, assim como a propaganda política relacionada ao governo atual.

Dentro do plano para o terceiro encontro as frases de bem-vindas foram:

“*Llevo 4 años fuera del país, añorado lo que éramos... lo teníamos todo, y no lo valoramos. ¡Luché desde mis 16 años y seguiré luchando por ti Venezuela!*” (Mulher venezuelana morando na Colômbia).

“*Lo doy todo por mi familia. Es rudo, sí... uff, el estar lejos de tus familiares es lo que más duele, pero las ansias de un futuro mejor lo pueden todo*” (Mulher venezuelana morando na Colômbia).

“*Agradece cada amistad que te brinden, cada ayuda que recibes Dios no te abandona, te pone en el camino que debes recorrer para sacar lo mejor de ti, confía en él*” (Mulher argentina morando no Brasil).

Nesse encontro, as mulheres chegaram com mais escritas, principalmente motivadas pela carta de Hannah Arendt e as discussões trazidas no último encontro relacionadas à vulnerabilidade e resistência. Mais uma vez através da escrita elas demonstram a suas vivências e os seus sentimentos relacionados com a experiência da migração.

***Tengo una Certeza***

*Tengo la certeza de que  
todos los venezolanos somos guerreros  
en una eterna lucha por sobrevivir  
con nuestro dolor a cuestas.*

*La mayoría salió con la convicción de volver.*

*Hemos resistido y luchamos cada día  
Para dar lo mejor de nosotros.*

*Nos podemos sentir vulnerables  
en un país tan grande,  
y sentirnos tan minúsculos.*

*En mi caso personal  
Doy siempre lo mejor de mí.  
Ser transparente ante los demás.*

*Optimista soy sí,  
y muy positiva también  
de todo lo que me pueda ocurrir.*

*Relato 1, 2021*



Também foi apresentado o trabalho feito pela *Red Clamor* no resto da região de latino américa, em países como Colômbia, Equador, Peru, entre outros, se trata de um trabalho relacionado com a coleta de relatos e de experiências de venezuelanas migrantes, como elas, que tem passado por vivências muito fortes no percurso como migrantes.

O trabalho consiste numa revista intitulada “*Pies para que te tengo*”, dali foi tomado um relato de uma mulher, chamado “vila Caracas” um relato sobre um assentamento irregular feito apenas com os poucos recursos que os migrantes conseguiram para assim criar suas casas, algumas de papelão, outras de plástico, e como tem sido a vivência dessa mulher dentro dessa, agora, enorme favela na cidade de Barranquilla – Colômbia.

Embora muitas dela em Venâncio Aires não tinham vivenciado esses níveis extremos de dificuldades para encontrar moradia, não foi fácil para nenhuma delas encontrar uma casa, ou um apartamento na cidade, pois pelo fato das imobiliárias ter tantos requisitos, muitos dos quais são impossíveis de cumprir, pelo fato de ser novo na cidade e não conhecer a ninguém. Muitas das vezes tendo o dinheiro de aluguel, não conseguiram alugar por não ter o fiador.

O interessante de trazer esse relato, foi, que uma delas conversou como tinha sido a sua chegada na cidade, e como foi para a sua família chegar numa casa alheia, a casa era de um amigo do marido, e o quão desconfortável foi para eles, que chegaram com uma criança, pois tinham que lidar com situações de álcool, e com o cheiro de cigarro. Ali não ficaram muito tempo, pois conseguiram alugar um lugar apenas para eles.

Finalmente, o último encontro, no dia 6 de dezembro de 2021, se apresentara as seguintes frases de bem-vinda:

“*Cuando dejamos la tierra que nos vió nacer, aprendemos que el único hogar que es para siempre somos nosotros mismos*” (Mulher venezuelana morando no Brasil)

“*Nuestros buenos y malos momentos se vuelven los ladrillos de nuestra estructura, y cada día y oportunidad se transforma en la reforma que nuestro hogar necesitaba*” (Mulher venezuelana morando no Equador)

“*Somos más que situaciones y momentos (buenos y malos), somos almas en evolución, y estamos todas juntas en este proceso. Somos amor y fuerza*” (Mulher equatoriana morando na Espanha)

Nesse encontro, cada uma expressou o que para elas significa ser migrante, e ser mulher migrante. Uma das participantes inicialmente disse que para ela não fazia diferença entre ser homem e mulher migrante, pois os dois sofreram e passaram pelas mesmas dores em relação à nostalgia da família, e aos problemas como migrante. Mas, assim que foi apresentado o filme



Meu Corpo Minha Fronteira, escrito e dirigido por: Eduardo Mossri e Karen Menatti pelo fato de apresentar os atravessamentos em relação ao machismo, abuso sexual, sexismo, aquela participante mudou seu pensamento pois se deu conta que verdadeiramente não é a mesma coisa ser uma mulher migrante que ser um homem migrante.

O último encontro terminou com uma atividade onde cada uma delas mencionou o que elas têm encontrado aqui no Brasil, que não tinham mais lá na Venezuela, e também que possam expressar o que elas sentem falta aqui no Brasil que tinham na Venezuela.

Cada um desses encontros aportou com informação importantíssima no que se refere à coleta de dados para a escrita dessa dissertação. A condição de migrante e a Interseccionalidade como contextualização ajudaram para poder entender cada uma das grades analíticas que vão aparecendo ao longo do texto, segundo cada um dos temas trazidos em cada um dos encontros anteriormente relatados.

Assim, considerados os procedimentos teórico-metodológicos trazidos aqui, no próximo capítulo apresento a discussão e análise dos dados, buscando dar visibilidade às situações relacionadas especificamente as vivências e experiências das mulheres migrantes que participaram dos encontros.

### 3 AS MIGRAÇÕES NÃO VÃO PARAR

"Podemos colocar nossa cadeira na praia com a frequência que quisermos e gritar para as ondas que chegam, mas a maré não vai ouvir, nem o mar vai recuar" (WINDER, 2013, p.xiii).

Tendo em vista os dados produzidos junto às mulheres migrantes, este capítulo está dividido em três partes: na primeira, apresenta-se uma contextualização desta migração, discutindo-se as questões relativas à necessidade de migrar e às principais dificuldades encontradas por estas mulheres neste percurso; após, problematiza-se a condição de ser mulher migrante, a partir dos relatos das mulheres participantes da pesquisa, e, por fim, discute-se o grupo como um espaço educativo não-escolar que opera, que possibilita que as mulheres construam e partilhem formas de resistência, mediante a constituição e fortalecimento de redes.

#### 3.1 Migrar é preciso: relatos de deslocamentos

O Brasil, pela sua extensão geográfica, possui fronteira com todos os países da América do Sul, com exceção do Chile e do Equador. Isso faz com que, frente a qualquer conflito ou problema econômico na região, o Brasil se torne um país de destino potencialmente alto. Ao longo da última década, o país tem sido destino de várias nacionalidades, tais como haitiana, senegalesa e, mais recentemente, venezuelana.



A Venezuela está atravessando uma crise política, social e econômica da região e é esse o principal motivo de toda essa mobilização, ou melhor dito, dessa diáspora que se evidencia nessa dissertação. Atualmente, trata-se de um país com a taxa de inflação mais alta do mundo. Segundo o BCV (Banco Central de Venezuela), o país terminou o ano de 2021 com uma inflação acumulada de 686,4% (BBC News, 2022).

O sociólogo venezuelano Iván de la Vega (2016) ressalta que, a partir do ano 2016, empresários e profissionais altamente qualificados migraram para Europa, América do Norte e países como Chile e Argentina. Já desde o ano de 2018, sendo a falta de alimentos e de itens de primeira necessidade a face mais cruel da instabilidade, somam-se à migração as classes populares e povos indígenas, desta vez por meios terrestres, para as regiões mais próximas da Venezuela. Neste último caso, países como Colômbia, Brasil, Equador e Peru são os destinos.

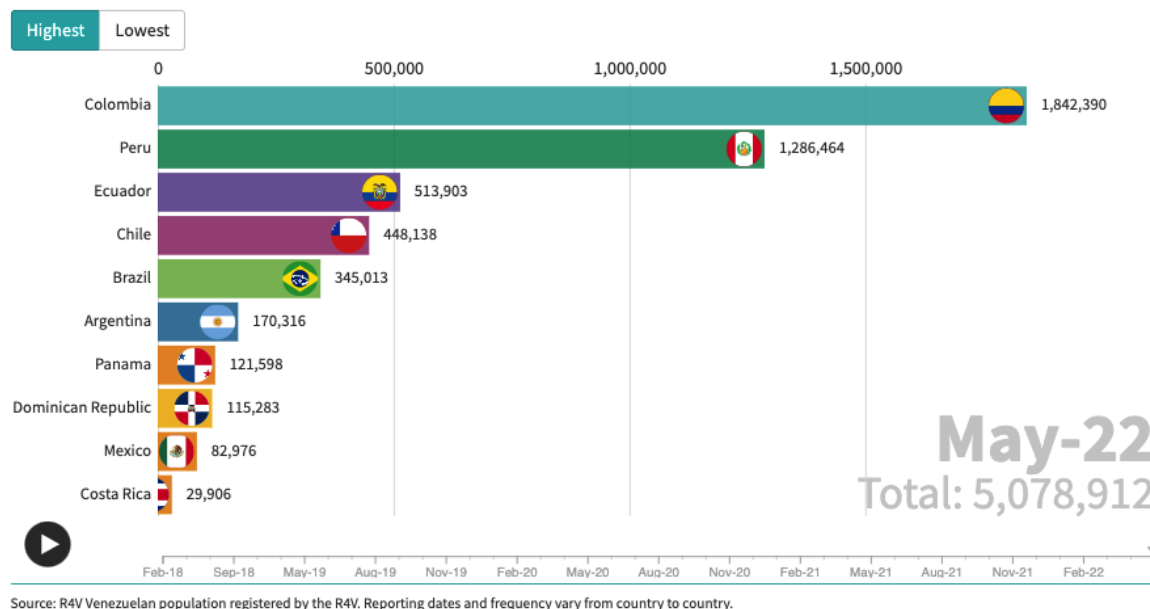
Desde 2018, a diáspora venezuelana para os países latino-americanos tem sido intensificada. Segundo os relatórios enviados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para

os Direitos Humanos sobre a situação dos direitos humanos na República Bolivariana da Venezuela, os motivos para que as venezuelanas saiam do seu país envolvem questões relacionadas com saúde, integridade e segurança, entre outras questões extremamente críticas.

En el caso de las mujeres, se añaden la falta de acceso a atención de salud prenatal y postnatal y la insuficiencia de mecanismos de protección frente a la violencia doméstica [...] [...] y las personas adultas mayores son quienes a menudo se quedan en el país, siendo las abuelas quienes asumen la carga de cuidados. (OACNUDH, 2019, p. 14).

Já na plataforma de coordenação Interagência para Refugiados e Migrantes da Venezuela, R4V, em todos os países da América Latina se evidenciam a quantidade de venezuelanos e venezuelanas registrados que tem entrado em cada um dos países, e como com o tempo, tem sido o fluxo de entrada e saída. Até maio de 2022, a quantidade de migrantes e refugiados venezuelanos e venezuelanas no mundo era de 6.133.473; sendo que, especificamente na América Latina e no Caribe, 5.078.912. O Brasil está no quinto lugar como país de acolhida e destino, com 345.013 migrantes e refugiados no seu território, somente depois da Colômbia, Peru, Equador e Chile. (R4V, 2022)

### IMAGEM 1 - População venezuelana registrada pelo site r4v e variação de país em país até maio 2022.



Trata-se de uma problemática que não nasceu no governo de Maduro, pois a crise econômica e social está presente desde o governo de Hugo Chávez:

[...] a centralização da produção petrolífera como a principal atividade econômica do país proporcionou uma economia dependente que exportava produtos primários e dependia da importação de bens de consumo de grandes potências econômicas, especialmente dos Estados Unidos. (VASCONCELOS, p. 31, 2021)

A Venezuela, através de Chávez, criou alianças estratégicas com China e Rússia, o que ocasionou medidas de retaliação por parte dos Estados Unidos e os seus aliados europeus, os quais viam a Venezuela como uma ameaça potencial. Assim, a Venezuela sofreu várias sanções econômicas (VASCONCELOS, 2021).

A morte de Chávez e a ascensão de Nicolás Maduro, em 2013, associado a uma queda significativa do preço do petróleo no mercado internacional em 2014, mais um vez revelou as limitações de uma economia dependente. A partir de então, embargos econômicos foram reforçados e conflitos políticos que questionavam a legitimidade do pleito que elegeu Maduro emergiram, inclusive com o apoio e chancela do governo norte-americano e seus aliados. (VASCONCELOS, p. 37, 2021)

Assim, as mulheres que compuseram esta pesquisa, contam que a violência está instaurada na Venezuela, causando uma crise que afeta os direitos humanos de seus cidadãos por parte do governo de Nicolás Maduro e que as levou a tomar a decisão de migrar. Os seus relatos trazem as dificuldades que viviam em seu país:

“...Venezuela se puso últimamente así cuando empezó el desempleo, y comenzó más la delincuencia, la gente buscaba era robar para comprar para comer” (Relato 5, 2021)

[...] más al mismo tiempo comprendí, que a mi hermana el sueldo no le daba [...] había oportunidades donde mi hermana y mamá tenían comida, más nosotros no teníamos como comer, y eso afectaba a mi mamá, a mi hermana, y eso yo siendo tan joven me daba cuenta. (Relato 2, 2021)

“... mira lo que pasó ayer en Venezuela con las votaciones... una señora en Valencia salió en las noticias... votó por la oposición, y el voto le salió del PSUV, ella agarró y rompió el voto, y la metieron presa, y en varios estados ocurrió lo mismo...” (Relato 5, 2021)

“El actual gobierno ha acabado con la educación, ha acabado con todo, con universidades emblemáticas...él ha acabado con todo, o sea ellos tienen esos colectivos, esos malhechores, queman bibliotecas, acaban con el recinto... el gobierno pone a dedo quien va a dirigir, una persona que no está preparada, o sea, acabaron con todo...” (Relato 1, 2021)

“O dinheiro somente alcançava para comprar arroz. ...y que mi hijo en la mañana para irse a la escuela ya no quería comer arroz, mi esposo me dijo: ¡vámonos!” (Relato 3, 2021)

“...no hay gas para cocinar, tiene una cocina eléctrica, y casi no hay agua...” (Relato 1, 2021)

“... ya todo lo que se trabajaba, ya todo era para comida... comida y estar ahí... porque allá no teníamos esa libertad de que nosotros un 15, nos íbamos... a comprar zapatos y ropa, ahora teníamos que reunir entre los dos, dos quincenas para a lo mejor ese fin de semana ir a comer a la calle, o darnos ese gusto de salir a pasear, a comer, a comprar una ropa, un juguete a la bebé, ropa para él, ya eso habíamos dejado de hacer” (Relato 5, 2021)

“... en Venezuela no podíamos salir a un centro comercial, los carros los teníamos parados por falta de gasolina... a veces él viajaba por la empresa y entonces yo no podía estar en las colas por la bebé, tenía que estar una semana en cola para obtener un litro de gasolina, los centros comerciales estaban cerrados, o sea prácticamente todo allá es estar en un encierro en la casa, entonces uno migró para tener una mejor calidad de vida para nuestra hija” (Relato 5, 2021)

“... una amiga mía que está allá en Venezuela... en su familia, la única que trabaja es su mamá, son seis hermanos y a uno de ellos se lo mataron, y entonces, a pesar de solo ella estar con 13 años, trabajaba en el liceo vendiendo chucherías, o procurando un trabajo solo para poder ayudar a su mamá, a su familia en los momentos en que no había comida... ella llevaba esa responsabilidad a temprana edad...” (Relato 2, 2021)

“... cada vez que le escribo a una amistad y le pregunto como está, y me dice, -bien, sigo con vida, y salud que es lo importante, el internet cada día peor, la comida cada día más difícil, se me dañaron lo lentes, no tengo dinero para comprar los lentes, quiero ayudar a mi mami y no puedo -” (Relato 2, 2021)

Quando se estuda a condição migrante, é muito comum primeiro olhar para o país de origem, pois como já se tinha dito aqui, uma pessoa, não se torna migrante apenas no momento que ela chega no país de destino, ela começa ser migrante desde o momento que começa a pensar, que começa a planejar a sua viagem, seja ela vai de avião, de carro, de ônibus ou, como é no caso de muitas venezuelanas, caminhando. É por esse motivo que se entende a importância de compreender, a partir das falas dessas mulheres, quais as razões que as levaram à decisão de migrar, sendo que, segundo elas, a principal justificativa residia na situação social, econômica e política do país. Assim, à pergunta sobre como foi sua decisão de migrar, elas relatam principalmente questões relativas às dificuldades de sobrevivência e à esperança de uma vida melhor:

“...cuando vimos que ya no nos alcanzaba ni para comprar comida, la parte de la comida... yo hacía las 3 comidas, pero no era lo que necesitábamos, yo estaba super delgada, yo bajé de peso, no alcanzaba, no podíamos comprar frango, carne, o sea, sardina... las benditas sardinas, yo dije me voy...” (Relato 1, 2021)

“Porque nuestros sueldos gerenciales profesionales, no daban para mantener la casa, no daban para comprar más allá de arroz, y maíz [...] de verdad que las cosas cada día se ponían más duras [...] tuve que dejar mi casa para trabajar [...] solo un fin de semana en el mes iba a mi casa, pues supuestamente iba a recibir una bonificación en dólares [...] en mi país todo se mide en dólares pero los salarios siguen siendo en bolívares devaluados [...] Llegó un día en que estábamos tomando las alternativas, pues la empresa nos pagaba la comida y el alojamiento más yo me sentía mal, de comer bien y en mi casa no había que comer [...] no era justo. Cuando vimos que ya en la casa solo se estaba comiendo arroz, y que mi hijo en la mañana para irse al colegio ya no quería comer arroz, mi esposo me dijo, ¡Vámonos! Vamos, probamos y vemos...” (Relato 3, 2021).

Cuando mi hermana se sentó y me dijo: Yo me vine para acá (Brasil) para buscarles un mejor futuro para ustedes que son mis hermanos más pequeños y mi hijo [...] (Relato 2, 2021)

“Viajábamos con dinero, mas sin dinero...de un día a otro el valor del pasaje lo subieron exorbitantemente, y no lo podíamos pagar” (Relato 2, 2021)

Antes de continuar com a análise, é preciso situar alguns aspectos da legislação brasileira. Após a II Guerra Mundial, foi fundado o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, também conhecido como ACNUR; suas atividades nasceram no ano de 1951 com o documento chamado Estatuto do Refugiados de 1951. Já no Brasil, em 1961, a Convenção do Estatuto do Refugiado foi promulgada com reservas, sendo que, em 1972, mediante Decreto nº 70.946/72, se publica o Protocolo de 1967 referente ao Estatuto do Refugiado (HILLESHEIM e KLIX, 2022). É importante destacar que, graças a isso, o Brasil é considerado “o primeiro país da região a aprovar a Convenção de 1951, assim como também foi o primeiro país a elaborar uma lei específica sobre refugiados”, a Lei nº 9.474/97 (CHIAPETTI, 2010, p.26). A partir disso, foram determinados outros apontamentos legais:

A Resolução Normativa do CONARE nº 23, que estabelece procedimento de solicitação de passaporte e viagem ao exterior para pessoas refugiadas e solicitantes de refúgio (CONARE, 2016).

Em 2017 o Brasil atualizou a legislação acerca das migrações internacionais, instituindo a Nova Lei de Migração. Com este novo marco legal, a Lei 13.445/2017, o país rompeu com o Estatuto dos Estrangeiros, um instrumento criado ainda na ditadura militar, e anunciou uma nova legislação com ênfase na garantia de direitos, que estabelece novos princípios e diretrizes sobre políticas públicas, direitos e deveres, entrada e saída do território nacional. (COUTO, p.71, 2020)

As outras duas legislações se referem a situações específicas relacionadas à migração, sendo que, em 02/3/2017 foi publicada a Resolução normativa nº 126, que dispõe sobre a concessão de residência temporário a nacional de país fronteiriço (CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO, 2017) e, no ano seguinte, o Decreto nº 9.286/2018, o qual define a composição, as competências e as normas de funcionamento do Comitê Federal de Assistência Emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária (BRASIL, 2018). Entretanto, esse último foi revogado pelo Decreto 9.970, em 14 de agosto de 2019, pelo presidente Jair Bolsonaro. (HILLESHEIM, p.98, 2022)

Desde o momento em que a diáspora venezuelana começa a se tornar mais forte e ativa no Brasil, surge a necessidade de criar políticas públicas que ajudassem a amenizar a problemática vivenciada pelos estados do norte brasileiro, em especial, o estado de Roraima (nas cidades de Pacaraima e Boa Vista) e o Estado de Amazonas (na cidade de Manaus), visto que a quantidade de venezuelanos e venezuelanas nestes locais fez com que alguns serviços colapsassem, como foi o caso da saúde e educação.

[...] muchos pacientes venezolanos acuden con urgencia a los hospitales brasileños debido a la falta de medicamentos en su país. Según estadísticas oficiales, en 2017 casi el 17% de los 13.873 pacientes con malaria en Roraima eran venezolanos (BRONER, 2018, p. 31)

Para tal, o governo federal do Brasil em conjunto com outras organizações como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), lança o programa

chamado “Operação Acolhida” (ALMEIDA, 2022). Através dele, são implementadas algumas estratégias indispensáveis que ajudaram, de certo modo, a aliviar a pressão que se tinha, principalmente nos estados de Roraima e Amazonas.

Na questão humanitária, com o objetivo de manter a segurança dos migrantes, surge a estratégia chamada “Interiorização”, que tem sido uma das estratégias mais importantes dentro das iniciativas implementadas pelo governo federal do Brasil, pois é através dela que se têm ajudado milhares de venezuelanos e venezuelanas. Segundo dados da plataforma R4V, até maio de 2022, mais de 76.350 venezuelanos foram beneficiados pela estratégia da interiorização.

A estratégia de interiorização [...] promove a realocação de venezuelanos em Roraima para outros estados brasileiros [...] A interiorização tem como objetivo oferecer maiores oportunidades de inserção socioeconômica aos venezuelanos e diminuir a pressão sobre os serviços públicos do estado de Roraima (MDS, 2022, n.p.).

Um ou uma migrante venezuelana pode se beneficiar da estratégia da interiorização seguindo alguns passos. Primeiramente, o venezuelano ou a venezuelana precisa estar legalmente registrado como migrante ou como refugiado(a). Isto quer dizer que deve ter o protocolo de solicitação de refúgio ou de residência temporária, assim como o cadastro de pessoa física (CPF); também precisa assinar um termo em que a pessoa confirma que a adesão está sendo feita de forma voluntária, estar com o esquema vacinal completo feito pelo ministério de Saúde e finalmente passar por uma avaliação médica.

Segundo o governo federal do Brasil, os migrantes em situação de vulnerabilidade são migrantes que têm seus direitos humanos ameaçados e que estão altamente suscetíveis a serem abusados e violados, e precisamente são esses migrantes os sujeitos alvos do programa de interiorização. É importante dizer que o transporte desses migrantes é feito através do Exército Brasileiro; o custeio é feito numa ação conjunta entre o Exército e as Nações Unidas. O tempo de espera pode chegar a ser de até três meses, pois dependerá do critério de modalidade escolhida pelo migrante (ALMEIDA, 2022).

Além de oferecer transporte, o projeto Acolhida também tem como objetivo procurar um emprego e moradia para o migrante ou o refugiado que ingressa no país, porém não é garantido pelo projeto que esse trabalho ou essa moradia sejam fixos. Um dos relatos traz a inserção das próprias migrantes em tal operação, na maior parte das vezes em funções pouco qualificadas:

“Conseguimos ser voluntarios en la operación acogida, muchos habían entrado en el área de limpieza, de cuidados, a nosotros nos permitieron entrar directamente a las oficinas, a hacer los procesos de interiorización... El cambio era comida y una posible vaga de empleo...” (Relato 3, 2021)

Aponta-se que, dentro do projeto, o ideal seria encontrar um emprego que estivesse dentro da expertise do migrante. Todavia, pela situação precária e a urgência por sustento, os migrantes terminam aceitando um tipo de emprego fora da sua área profissional.

“...conversamos con un sargento y le dijimos – oye ya de verdad nosotros no aguantamos, nosotros nos vamos a regresar, no conseguimos empleo, no sale nada, no tenemos nada que mandarle a la familia, entonces preferimos estar para allá. Y el sargento lo que nos dijo fue – muchachos, hay algunos otros trabajos, pero no son de su área, por ejemplo, yo tengo unos primos que tienen una granja de soya en el sur, y ustedes no están acostumbrados en trabajar en granja, podemos probar... Conversé con mi esposo, conversamos con las personas de aquí de la granja y decidimos entonces tomar el empleo. Fue un cambio muy drástico, de verdad que fue una experiencia bastante fuerte... (Relato 3, 2021)

É a partir dessa estratégia que esse trabalho traz a questão das migrantes venezuelanas no sul do Brasil, pois a maioria chegou através da interiorização. Segundo os dados do MDS, os estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, são os Estados com maior quantidade de venezuelanos e venezuelanas interiorizadas. Até junho de 2022 a quantidade de migrantes que ingressaram no estado de Rio Grande do Sul através da interiorização era de 11.821 (MDS, 2022). Porto Alegre, a capital do estado, é a cidade que tem recebido a maior quantidade de pessoas interiorizadas. No caso do município pesquisado, aponta-se que, de acordo com estes dados, Venâncio Aires contava com 354 migrantes oriundos e oriundas da Venezuela.

### IMAGEM 1 – Dados de número de venezuelanos registrados por cidade no Estado de Rio Grande do Sul até junho 2022

Unidade Federativa	Total	Município	Total
Santa Catarina	14.134	Porto Alegre	2.468
Parana	13.631	Caxias Do Sul	1.389
<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>11.821</b>	Canoas	1.150
Sao Paulo	10.526	Esteio	543
Amazonas	5.286	Passo Fundo	384
Minas Gerais	4.803	Venancio Aires	354
Mato Grosso do Sul	4.790	Cachoeirinha	281
Mato Grosso	2.608	Marau	269
Rio de Janeiro	2.251	Sao Leopoldo	265
Distrito Federal	2.041	Novo Hamburgo	258
Goias	2.004	Sapucaia Do Sul	248
Paraiba	958	Vacaria	244
Pernambuco	887	Tapejara	234
Bahia	831	Gravataí	224
Rondonia	825	Viamao	224
Ceara	451	Montenegro	211
Rio Grande do Norte	288	Garibaldi	195
Espirito Santo	273	Dois Irmaos	155

\* Dados atualizados até junho de 2022

Dentro os motivos pelos quais os migrantes decidem utilizar a estratégia de interiorização, tendo como destino o estado do Rio Grande do Sul, a maior porcentagem está relacionada com o desejo de reunião social (47%), ou seja, os venezuelanos e venezuelanas

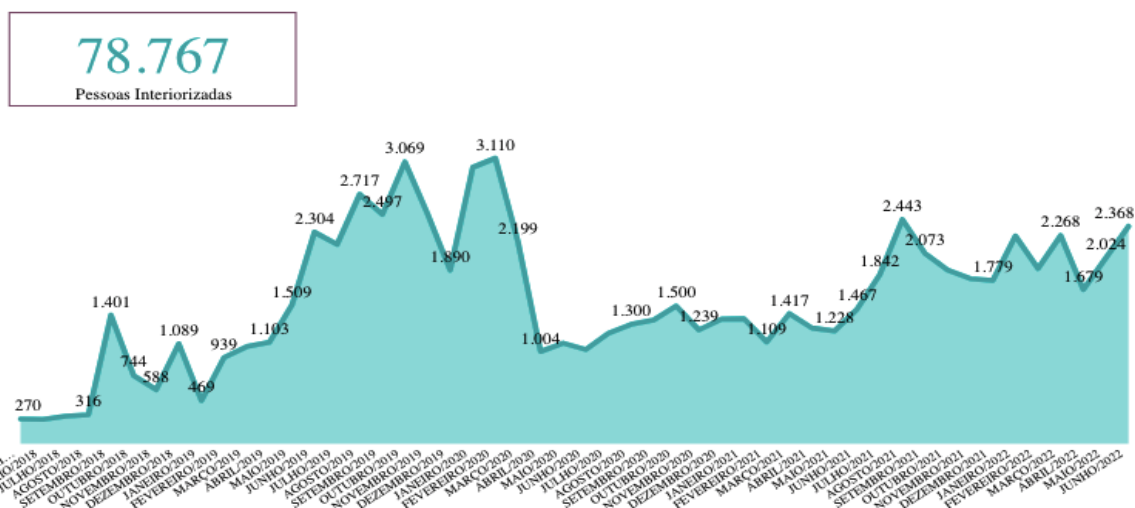


procuram sair dos abrigos para reunir-se com amigos ou pessoas que asseguram conhecê-las e podem oferecer abrigo em suas casas. Outros motivos para escolher a modalidade de interiorização são: institucional (17%), reunificação familiar (16%), vaga de emprego sinalizada (10%) e sem informação (11%) (MDS, 2022).

É importante notar que a chegada destes migrantes não ocorre somente pela interiorização, pois existem outras organizações que têm oferecido a sua ajuda àquelas pessoas que estiveram em situação de risco na Venezuela, como a UNICEF e algumas comunidades religiosas.

Segundo a informação da estratégia de interiorização do governo federal do Brasil, a quantidade de venezuelanos e venezuelanas que têm entrado desde o início da estratégia somente aumenta. A seguir se mostram os resultados divulgados pelo MDS. A partir destes dados, se evidencia que existiu uma queda nas entradas de migrantes por interiorização, que é alinhada com o período no qual a pandemia de COVID-19 apareceu no mundo. Mesmo assim, as solicitações nunca pararam de ingressar.

#### IMAGEM 2 – Número de venezuelanos registrados interiorizados no Brasil atualizado até junho 2022

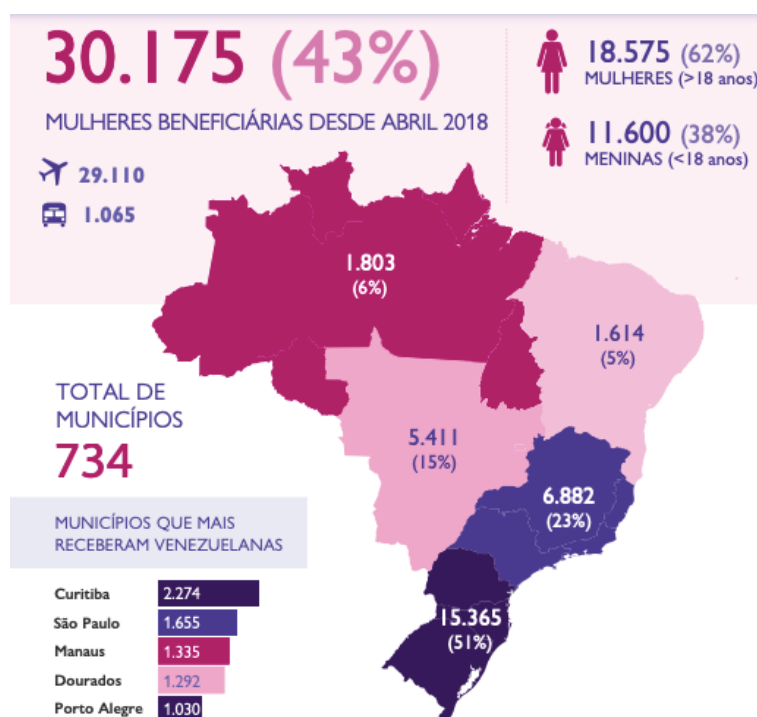


Fonte: [www.mds.gob.br](http://www.mds.gob.br) Acesso em: 28 de julho 2022

Falando especificamente das mulheres venezuelanas, 30.175 mulheres têm sido beneficiadas pela estratégia de interiorização, sendo que, desde abril de 2019 até março de 2022, 43% da população migrante se constituía por mulheres. Em maio de 2022, período de escrita desta dissertação, a porcentagem se mantém. Dessas mulheres, 18.575 têm acima de 18 anos, representando 62% das mulheres migrantes, e 11.600 são meninas menores de 18 anos,

equivalente a 38% da população. Segundo o relatório da Operação Acolhida, em parceria com o Subcomitê Federal para Acolhimento e Interiorização de Migrantes em Situação de Vulnerabilidade em conjunto e a Organização Internacional para os Migrantes, 51% dessas mulheres foram acolhidas nos 3 estados do Sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

**IMAGEM 3 – Número de mulheres venezuelanas registradas beneficiadas do processo de interiorização no Brasil desde abril 2018 até março 2022**



É importante evidenciar que 50% das mulheres decidiram beneficiar-se da interiorização pela modalidade de reunião social; 20%, abrigo; 18%, reunificação familiar; 6%, vagas de emprego e 6% estão na categoria “sem informação”.

Infelizmente, apesar de ter políticas que nos levam a pensar num Brasil inclusivo, nessa dissertação também evidenciamos que o fato de ter políticas públicas não é o suficiente, pois, muitas vezes, elas não são efetivas. Assim, por exemplo, as migrantes referem a necessidade de criar *trochas*, pelas quais algumas delas foram forçadas a cruzar por falta de proteção no momento do acolhimento.

“Cuando nosotros vinimos para Brasil, nosotros pasamos por una trocha, ahí pasó la moto y nos dijo que nos podía llevar a los 3, ¡le dije que no! Yo pago 2 motos porque éramos 4 personas con el chofer y los bolsos, era muy peligroso” (Relato 5, 2021)

Além disso, uma das principais dificuldades relatadas pelas mulheres no processo migratório se refere à documentação:

“[...]la profesora les decía a los estudiantes brasileños, el documento de identificación para un migrante tiene un valor, que ninguno de ustedes se lo imaginan, ustedes van por la vida caminando con su documento, y si se les pierde, sacan otro, no pasa nada, pero para un migrante el documento tiene un valor precioso...” (Relato 4, 2021)

Apesar dos esforços da equipe de interiorização, na medida que o tempo passa, se foi evidenciando alguns problemas com vários dos processos da operação acolhida, especialmente com a questão da documentação. Uma das primeiras necessidades de um/uma migrante é a documentação, aquela que lhe permite trabalhar, ser atendido nos postos de saúde, estudar, em geral, para transitar pelo país com certo tipo de tranquilidade.

Por causa da crise na Venezuela, alguns migrantes não conseguem sair do seu país com os seus documentos de identificação válidos, então, já na fronteira com o Brasil, se lhes oferece a opção de obter a sua documentação como refugiado ou como residente. Evidentemente cada tipo de documentação tem suas diferenças e implicações específicas, o que também interfere na tomada de decisão sobre esta solicitação:

“En la frontera, tu tenías la posibilidad, teniendo la documentación completa, de pedir bien sea refugio, dependiendo en la condición en la que venías también, de solicitar un refugio o de solicitar una residencia... nosotros solicitamos la residencia, porque ya nos habían comentado de que se te hacía bastante complicada la parte de poder conseguir empleo si eras refugiado... si llevabas algún protocolo de refugiado, algunas empresas se eximían de contratar extranjeros en esa condición... la idea era no tener que estar bajo la condición de refugiado porque también... tenemos la intención de estar regresando al país, y cuando eres refugiado tienes la limitante de salir del país donde estás pidiendo refugio...” (Relato 3, 2021)

“... en mi caso me dijeron que si pido refugio no puedo salir del país durante tanto tiempo, si sales tienes que tener una autorización por el país y te dan un permiso por 60 días...por eso yo pedí residencia, porque uno si quiere salir ir al país de uno, o en caso, a visitar...” (Relato5, 2021)

Algumas até chegam sem nenhum tipo de documentação ou com a documentação incompleta, pois, apesar de fazerem a tramitação para os passaportes e terem pagado valores muito altos no seu país de origem para obtê-los, os documentos simplesmente não chegaram. Em alguns casos, tal situação também foi determinante para escolher o Brasil como destino:

“...en Venezuela nosotros pagamos tres veces los pasaportes, tanto el de mi esposo, el de mis tres hijos y el mío, y las únicas huellas que fueron validadas fueron las de mi niño... hubo que volver a pagar, pagamos tres veces, desistimos, - qué país nos acepta sin pasaporte? Puedes pasar a Brasil... vámonos entonces[...]

“... al principio cuando estábamos en Boa Vista no era tan ruda la cuestión de los papeles, pero la cola... y yo me estreso por el sol...y cuando nosotros llegamos aquí, yo demoré un tiempo para sacar los papeles, porque no tenía mi partida de nacimiento... y cuando estábamos en la fila a mi no me permiten sacar ni refugio ni residencia, por no tener partida de nacimiento, así que solo sacó papeles mi familia...” (Relato 2, 2021)

A isso se tem que acrescentar a questão da cultura. Foi identificado nos encontros que um dos primeiros choques culturais acontece no que se refere à documentação entre os brasileiros e os venezuelanos. Por exemplo, a ordem na qual os sobrenomes são outorgados para um brasileiro é oposta à ordem dos sobrenomes dos venezuelanos e venezuelanas.

“...con la documentación, aquí se equivocan mucho con nuestros nombres, aquí se equivocan mucho con el orden de nuestros nombres... yo digo que las personas que trabajan con la policía federal, quienes emiten estos documentos, deberían tener un cuidado bastante grande con los nombres de las personas, y parece que no lo tienen” (Relato 4, 2021)

O nome e sobrenomes de uma pessoa representa a sua identidade, e não se pode alterá-la. No momento que isso acontece, se está violando seu direito a ser reconhecido com a sua identidade. No Brasil isso acontece corriqueiramente, não apenas na Polícia Federal, mas em instituições como Universidades, Centros de saúde, Escolas, entre outros.

“Me cambiaron los nombres en la universidad, me pusieron el segundo apellido de mi mamá primero, y el segundo apellido de papá después, y aquí no entendían porque el orden de mis apellidos estaba diferente, para ellos estaba todo equivocado, tuvieron que corregirlo” (Relato 4, 2021)

“...yo era la única sin papeles, y yo me sentía frustrada, pero al mismo tiempo con ese optimismo porque yo quería estudiar, quería terminar mis estudios, porque yo veía recién terminando un cuarto año allá, y mis amigas ya iban por la mitad de quinto año, y yo ni siquiera había comenzado a estudiar... y sin papeles no podía estudiar, no podía hacer prácticamente nada... después de 3 meses a través de un familiar me hacen llegar la partida de nacimiento, pero aquí se equivocan al momento de escribir mis apellidos... y de nuevo... a mi me ha tocado ser vulnerable, resistir y ser optimista al mismo tiempo... justamente en esos momento de la documentación” (Relato 2, 2021)

O fato de que uma pessoa não tenha sua documentação correta faz com que a vulnerabilidade da pessoa aumente ainda mais. Infelizmente são poucas as pessoas que estão cientes do quão grande é o valor de um documento de identidade para um migrante, visto que a falta de conhecimento ajuda a incrementar os casos de discriminação, assim como aumentar o estado de vulnerabilidade do migrante.

“...en una tienda yo les dije – yo no tengo dinero ahora, pero si me interesa... voy a volver el lunes para pagarlo, porque recién me iban a pagar, y era un jueves... - me dijeron – ya esta bien, pero tiene que dejarnos su documento... así hacemos aquí, toda la gente para que se comprometa a comprar tiene que dejar su documento – entonces yo lo quedé viendo y le dije, yo no puedo dejar mi documento – usted sabe cuánto me costó sacar esto? – si usted me pide el documento, no voy a comprar nada, y me fui... el brasileño no está consciente de lo preciado, del valor que tiene para nosotros, la documentación...” (Relato 4, 2021)

Se o fato de não ter a documentação é preocupante para um migrante, o processo para obter essa documentação é ainda mais. Os campos de refugiados estão localizados na fronteira norte do Brasil, eles estão ali para albergar os migrantes que entram e que estão na espera pelos seus documentos. A realidade daqueles campos, a qual foi contada nos encontros trouxeram

muitas alertas as quais serão colocadas aqui para deixar evidenciado o que acontece ali dentro através dos olhos das mulheres que participaram nos encontros:

“Tuvimos que dormir 5 días em carpas allá, en los refugios era solo para dormir nada más, esperando mis documentos nada más [...] yo iba a pedir interiorización, pero **eso era un desastre**, había mucha gente, entonces no pedimos interiorización [...] De Pacaraima fuimos a Manaus donde una tía. No pude esperar a interiorización porque **eso hay que esperar**, son muchos protocolos que hay que hacer, tanto que ella me insistió que yo llevé los papeles a interiorización [...] **estuvimos esperando días y días y nada** que nos llamaban los de interiorización [...] nosotros compramos pasajes adelantado por nuestra cuenta y nos vinimos para Venancio, cuando ya tenía una semana aquí en Venancio fue que nos llamaron de interiorización” (Relato 5, 2021, grifo meu)

**Tuvimos que dormir na rua**, em refúgios, nos pátios de casas onde os donos permitem que os migrantes passem a noite. “El dueño de la casa donde vivíamos **nos dejó dormir en el patio**” (Relato 2, 2021, grifo meu)

“... hay que tener mucha paciencia, en el caso cuando uno está, en la cuestión de los documentos, uno debe tener mucha resistencia, tolerancia, hasta para ser vulnerable porque **uno ve tantas cosas allí**, que uno debe tener paciencia, y calma...” (Relato 5, 2021, grifo meu)

“En Boa Vista en los refúgios, se escuchan muchos casos de **violaciones y de tráfico de personas...**” (Relato 3, 2021, grifo meu)

“...si no nos podemos quedar, nosotros nos vamos para el refugio, le dije a ella – No se van para el refugio, **porque es horrible** – y de verdad los refugios de allá de Roraima **son horrosos**, horrosos en donde tienes que, hasta dormir, o, mejor dicho, **uno duerme y el otro hace guardia**, porque desde **violaciones** o estupro había allá, **robos de crianças**, robo de tus cosas, lo poco que llevabas era **robado**, y de verdad era bastante complicado” (Relato 3, 2021, grifo meu)

Assim, a partir desta primeira contextualização sobre a chegada destas mulheres ao Brasil e as dificuldades enfrentadas na decisão e no percurso migratório, chegamos ao seguinte tópico: Mulher e migrante: vulnerabilidades. Tal discussão é apresentada na próxima seção.

### 3.2 Mulher e migrante: vulnerabilidades

“... todo lo que no puede salir como un buen recuerdo de tu cabeza, es un tipo de violencia, es un tipo de situación que va a tener dos vertientes; una positiva, y una negativa, porque va a tener una situación que de debilidad se puede convertir en fortaleza, mas puede ser lo contrario también, una situación que de debilidad se puede convertir en una amenazada peor para la persona y para otras personas, porque va a alcanzar directamente esa parte psicológica que es la que más lo marca a uno” (Relato 3, 2021)

Pode-se pensar que a condição de ser mulher acarreta uma maior vulnerabilidade no percurso migratório e é por esse motivo que se utiliza o conceito de interseccionalidade para discutir estas questões. Como trazido anteriormente, esta ideia estuda estreitamente os problemas relacionados ao racismo, xenofobia, discriminação de gênero, entre outros, visto que, pela interseção de diferentes condições (ser mulher, ser migrante, ser negra, etc.), compreende-se que as mulheres migrantes encontram-se em uma situação de maior

vulnerabilidade. As autoras Lilian da Cruz e Betina Hillesheim vão dizer que a palavra vulnerabilidade, no início ao ser traduzida do latim *vulnerabilis*, significa causar lesão ou provocar dano, adquirindo um significado negativo que está relacionado a perdas; já no campo social, a situação muda um pouco esse conceito, “a vulnerabilidade social, entendida não como um estado, mas como uma condição que pode ser temporária” (CRUZ e HILLESHEIM, 2016, p.302).

A vulnerabilidade social se refere à situação na qual os recursos e habilidades de um determinado grupo são insuficientes e/ou inadequados para manejar as ofertas sociais, as quais possibilitariam ascender a maiores níveis de bem-estar ou reduzir a probabilidade de deterioração das condições de vida dos atores sociais [...]. (CRUZ e HILLESHEIM, 2016, p.301).

Muitas das vulnerabilidades relacionadas à condição de ser mulher podem ser evidenciadas nos relatos trazidos na seção anterior, que referiam às dificuldades no percurso migratório (as travessias pelas *trochas*, os campos de refugiados, entre outras). Nesta seção, trata-se, mais especificamente, das questões relacionadas às mulheres quando já estabelecidas no Brasil. É preciso dizer que as ondas migratórias contemporâneas têm levado ao deslocamento de muitos latino-americanos, sendo que é comum que os migrantes enfrentem situações relacionadas à xenofobia ou racismo. Nesta direção, Santos (2017, p. 404) alerta que existe uma desumanização das “[...]populações migrantes sob a perspectiva da securitização que as define através daquilo chamado “pânico moral”, ou, como coloca Bauman (2017), no livro "Estranhos à nossa porta", quem chega fugindo da fome, das violências, das bestialidades das guerras, sempre serão considerados estranhos.

Nesta perspectiva, as mulheres trazem diferentes situações:

“Hemos vivido diversas situaciones de xenofobia y diversas situaciones de no querer entender quienes somos realmente... yo pienso que a veces ni siquiera es por rabia, sino por miedo, miedo a lo desconocido, miedo a que tal vez algún extranjero se comportó de alguna manera no adecuada, y se piensa que... bueno pagamos todos, justos por pecadores...” (Relato 3, 2021)

“Empezamos a buscar empleo, y lamentablemente no había empleo para venezolanos, porque algunos se habían portado mal y eso fue cerrando algunas puertas...” (Relato 3, 2021)

“... él dice que los explotan mucho, los explotan demasiado, dice que para estar así, él prefiere estar en Venezuela, porque uno allá en Venezuela no estaba pasando ese trabajo... si aguanta un año es mucho, y si lo hace es por necesidad” (Relato 5, 2021)

“... yo tengo en mi cabeza que porque soy la extranjera tengo que ser extra cuidadosa con las cosas que hago en público, en la calle, porque si algo sale mal, robaron algo, ah probablemente es la extranjera... porque ella es diferente...” (Relato 4, 2021)

“...en oportunidades las personas me dicen, que traiga a mi familia y **es ahí cuando más me siento extranjera**, ¿por qué sacar a los míos, de mi país, cuando tengo esperanzas de volver? De volver y retomar mi vida que se detuvo cuando crucé la

frontera, y traté de entender un idioma diferente, una cultura distinta y hasta una forma de vivir ajena a lo que yo soy... Yo salí solo por unas vacaciones y ha sido la historia de muchos... salimos solo por unas vacaciones, y terminamos quedándonos quien sabe cuánto tiempo más... justamente yo salí de mi casa, y dejé mi hogar, y aún con todo y todo, aun cuando soy extranjera y todo el mundo me pregunta, porque no traigo a los míos, siempre lo que mi cabeza me dice es **¿por qué tengo que sacarlos?** Aun cuando yo sé que la situación allá se pone cada vez peor... sin embargo, me siento extranjera... **yo sigo siendo venezolana**, nací en esa tierra, me formé, tuve mis hijos allá, y **moriré venezolana...**" (Relato 3, 2021, grifo meu)

Bauman explica que as sociedades de acolhida sabem como se comportar com aquelas pessoas que conhecem, sejam amigas ou inimigas, e que pelo fato de não conhecer esses que são tidos como estranhos, as sociedades não são capazes de interpretar seus comportamentos, elas não conseguem adivinhar as suas intenções, portanto a ignorância, enquanto não saber como agir, coloca eles numa situação de extrema ansiedade e medo (BAUMAN, 2017).

"... una cosa es tu vivirlo, y otra es imaginártelo, y si yo... no juzgo muchos comentarios, porque lo primero que digo es que **ellos no saben de verdad**, cual es la realidad de una persona a la que le toca pasar por esto, no hay una situación verdaderamente cierta de cómo esa vivencia de que tuviste que salir y dejar todo, aquí hay personas que dicen que lo material no me importa y muchas personas dejan las cosas botadas... **mas tu sacrificio, y dejar hasta a tu familia, ya cambia la perspectiva**, y eso **ellos aquí desconocen...**" (Relato 3, 2021, grifo meu)

Neste contexto, a língua também se mostra como um elemento que aumenta a vulnerabilidade. Segundo um palestrante da Diocese da igreja católica, no Primeiro Encontro de Migrantes celebrado na cidade de Arroio do Meio<sup>7</sup>, para que um migrante se desenvolva de modo independente, precisa de três coisas: a documentação, o domínio do idioma do país de destino e um emprego. Já falamos sobre a documentação e sobre como certos processos relacionados têm sido enfrentados com as migrantes. No que se refere aos outros aspectos, as mulheres trazem a importância de aquisição da língua para os processos de adaptação no novo país:

Nos encontros com as mulheres, ao serem indagadas sobre quais eram os momentos em que se sentiam mais vulneráveis, percebi que todas nós tínhamos o mesmo sentimento de vulnerabilidade, na linguagem. Ser mulher e ser estrangeira (não compreendendo a língua), deixa-nos mais vulneráveis.

"... siempre tengo ese **miedo**... uno no va con un letrado que diga – No soy de aquí por favor téngame paciencia – las personas piensan que eres de aquí, y cuando yo empiezo a hablar te miran y te dicen: - no entiendo, no entiendo – en Porto Alegre no me entienden, en Santa Cruz me entienden... y a veces como que piensan que uno está queriendo hacerles pasar el tiempo, o no entendí algo y quiero que me expliquen otra vez, y hago preguntas y siento que ahhh por parte de las personas, y a veces **me da mucho coraje, porque siento... que no me explico bien, o el mensaje no llega de la forma que yo quiero, y también me siento vulnerable, y hasta ahora me siento muy vulnerable en ese sentido...**" (Relato 4, 2021, grifo meu)

<sup>7</sup> Encontro Diocesano da Pastoral dos Migrantes celebrado no dia 11 de junho de 2022 na cidade de Arroio do Meio/RS.

Fiquei muito surpresa quando escutei as respostas delas, pois mais uma vez percebi que não importa o tipo de migrante que a pessoa seja, algumas das vulnerabilidades são compartilhadas entre todas nós:

“Uno de los momentos en los que **me he sentido vulnerable es en la comunicación** principalmente en el trabajo, por la sencilla razón de no poder expresarme bien, o que no me entiendan a la hora de instalar una conversación, o aclarar una duda... **Causando en mí un estrés y una frustración**” (Relato 2, 2021, grifo meu)

Muitas das vezes, as pessoas têm sido amáveis e ficam muito curiosas no momento de escutar-nos falar, mas existem outros tipos de pessoas que abusam desse nosso desconhecimento da língua que nos manipulam até o ponto de querer enganar-nos.

“...una vez una mujer **me pagó con ropa**, ahí me sentí vulnerable, y **no supe como defenderme**... estuve más de 4 horas limpiando en su casa, y me salió con que me iba a dar una ropa, o se la daría a un brechó... lamentablemente **en esa época yo no le entendí lo que ella me dijo**, y yo terminé aceptando, y me pagó con un poco de ropa, y ni siquiera me sirvió... la regalé.... pero si ella hubiera sido sincera, no me hubiera sentido así... yo **sentí que se aprovechó, ahí me sentí vulnerable**” (Relato 3, 2021, grifo meu)

“...yo apenas cumpla 3 meses aquí, yo les entiendo bastante a ellos cuando me hablan, pero cuando yo me dirijo hacia ellos... que no entiendo, no entiendo, hable otra vez... entonces yo digo, será que ellos dirán que esta muchacha no entiende - a pesar de que tenemos poco tiempo, **mi hija si lo domina bastante**, ella me dice - mami que lo que te están diciendo es esto, esto y esto, y yo le digo, díles esto, y ella dice - mi mãe fala tal, tal y tal... entonces, **ellos más se dirigen es a la niña**, el dueño del apartamento la llama a ella, y me deja el recado con ella... y le dice - Voy a hablar contigo para que você fale com tu mãe... -” (Relato 5, 2021, grifo meu)

“... sea como sea uno tiene que aprender el idioma aquí, para poder defenderte... porque yo hablo un idioma, español, y yo hablo con ella y no me entiende, o me dice - devagar para poderte entender - y es como tu dices, a veces es como algo que choca contigo, uno viene a otro idioma y con otra cultura, a otras creencias de ellos, a otro tipo de comida también... y no es fácil pues...” (Relato 5, 2021)

Por outro lado, é necessário considerar que, apesar da necessidade de aprender o português, a língua materna lhes dá o sentimento de pertencimento:

“...descubrí que mi casa es donde yo me puedo comunicar de la forma en que yo quiero... cuando yo hablo en portugués yo no me siento en casa, pero cuando hablo en español sí. Esto que estoy haciendo con ustedes me hace sentir en casa... donde yo pueda hablar mi idioma (natal) estoy en casa, con quien me entiende, con quien puedo decir, - que mierda - y me lo entiende, porque no estoy insultando...eso para mi es estar en casa, puede ser que esté en Brasil, puede ser que esté donde esté... pero el tema de comunicación me conecta con el tema de estar en casa ...” (Relato 4, 2021)

Quando se coloca a atenção à mulher, os fatores de discriminação são acrescentados e, até poderia se dizer, potencializados ainda mais. Entretanto, através desta dissertação, veremos que um conjunto de grades analíticas vão compondo o ser mulher migrante. Foi por isso que



optei pela interseccionalidade como operador conceitual, pois através dela foi possível costurar os relatos, as denúncias e as histórias contadas pelas mulheres migrantes durante os encontros.

La interseccionalidad viene a complejizar la concepción de género al concebirla una dimensión entre otras dentro del complejo tejido de las relaciones sociales y políticas (MAGLIANO, 2015, p.694)

Se tem que ter presente, como discutido anteriormente, que o gênero não chega só, cada mulher carrega consigo muita mais informação, e cada uma delas deve ser tratada pela sua particularidade e individualidade. A interseccionalidade tem que ser vista como uma ferramenta que nos permite enxergar as mulheres migrantes venezuelanas na sua pluralidade, compreendendo que as exclusões que elas passam estão ligadas a uma série de desigualdades que estão interligadas.

la interseccionalidad es exactamente este término que apela a evidenciar: “la forma predominante de conceptualizar la relación entre sistemas de opresión, los cuales construyen múltiples identidades y nuestro lugar social en jerarquías de poder y privilegio (CARASTATHIS, p.304, 2014)

Assim, somando-se à condição de ser mulher, o racismo aparece de uma forma sutil, sendo que os relatos das mulheres migrantes venezuelanas dizem respeito às aproximações da comunidade para indagar sobre a vida de cada uma delas.

“... y te hacen preguntas tan repetitivas... ¿y las cosas están mejor aquí que allá? ¡Te sientes bien aquí! Estás más tranquilo, **aquí es bonito**... son preguntas tan superficiales...” (Relato 2, 2021)

“... hay personas que piensan que tú eres migrante, y saliste, y que ya inicia una nueva vida, todo es bueno aquí... te dicen – ¿están mejor aquí? **¿Están mejor que en tu país?** Y se siente tan superficial...aquí puedes comer te dicen...” (Relato 3, 2021)

“... algunas veces aquí me han dicho de manera exagerada y extraña que el **color de mi piel oscura es muy muy bonito**, que es diferente dicen... o que **mis cabellos oscuros son muy bonitos**... no sé, pero siento que no son sinceros...” (Relato 4, 2021)

A raça, o tom escuro da nossa pele e dos nossos cabelos fazem com que os nossos corpos sejam vistos como corpos que seduzem, assim também funcionam como territórios onde se tenta ter alguma prática de opressão, especialmente por quem sexualiza e partir disso discrimina. No momento que eu escutava às participantes me dava conta como o racismo afeta a vida de cada uma delas.

“...yo en una oportunidad sí, sentí que experimentaba que **no querían mezclarse conmigo**, cuando estudié aquí el ensino medio, que solo éramos otra venezolana y yo, y uno se intentaba integrar al grupo, mas no sabíamos si era por el idioma o por nosotras, pero un solo momento de habla, y después **se distanciaban otra vez**, no había una integridad del grupo como tal... desde el comienzo al fin fue así... solo éramos ella y yo, y ella que tenía más tiempo que yo... **para ella fue más difícil porque ella estaba sola**... ella era sola, no más nadie...” (Relato 2, 2021, grifo meu)

“...yo sé que mi portugués no es perfecto, y yo pedí en una tienda unos zapatos -fila verde- en portugués y en español esas dos palabras son iguales, yo estaba buscando por las promociones, y **la que atendía me dijo que no había más promoción, y que me vaya**, pero yo me quedé en la tienda y encontré los zapatos fila-verde [...]” (Relato 4, 2021, grifo meu)

“[...] mi hermano tiene 23 años, él es mayor y es moreno, y él presencié eso, **solo por su apariencia**, en una tienda que él iba con mi hermano más pequeño fue a sacar unas copias, y vio había unas personas atendiendo dentro de la tienda, y él toca que toca y lo vieron, y lo que hicieron fue verlo y apenas él entró, **se asustaron**, y eso que andaban con mi hermano más pequeño. Y preguntó que, si tenían para hacer Xerox, y las mujeres le dijeron que no [...] Lo estaban discriminando” (Relato 2, 2021, grifo meu)

“A nosotros nos pasó un día [...] fuimos al supermercado, mi esposo es un poquito más oscuro que yo, pero **mi esposo tiene ojos verdes**, lindos ojos verdes, y entonces un día estábamos haciendo un trabajo, un trabajo por fuera, de esos que salen, y no nos dio tiempo de ir a almorzar, fuimos a un sitio donde hacen comida muy buena, la verdad que sí, no estaba muy cara la comida, fuimos. conversamos con unas personas, y el señor dice, ¡ah! **usted es venezolana, mas usted (el esposo) no parece**, solo porque tenía los ojos verdes, y entonces mi esposo le dice, sabe que es lo peor, que yo no sé hablar mucho portugués y ella si, entonces es parte de esas cosas como tú dices, te ven, y solo de verte hasta cierto punto, una pared, una pared que puede ser solo para discriminar[...]” (Relato 3, 2021, grifo meu)

Dessa maneira, no caso das mulheres migrantes, o racismo, a xenofobia e a desigualdade as expõem a situações de maior vulnerabilidade. Assim, tendo em vista a importância do trabalho na adaptação ao país do destino, também é necessário discutir como se apresenta, para as mulheres desta pesquisa, a questão da empregabilidade no país de destino.

“... hay oportunidades en las que todo tipo de violencia mata, tal vez una más que otras...porque no solo tu parte física sino tu parte psicológica está siendo puesta en esa situación, obviamente te vas a quedar marcado” (Relato 3, 2021)

As mulheres que inicialmente chegaram em Venâncio Aires em janeiro 2020 junto com as suas famílias, somavam um total de 60 pessoas. A maioria delas chegaram com uma proposta de emprego, que chegou diretamente quando elas ainda estavam em Roraima. Infelizmente, tais promessas de emprego não foram cumpridas para muitas; o que foi dito não era inteiramente real e não existia um documento que o respaldasse. Segundo os relatos, de um total de 60 pessoas, somente 20 aceitaram aquelas condições de trabalho e ficaram.

“...foi por medio de la ONU, del ejército y de un señor de aquí, pero cuando llegamos aquí, no cumplió las expectativas de lo que se esperaba, mi esposo, sí, a él se le ofreció una cosa y cuando llegó fue otra cosa, la verdad, mi esposo duró 4 días, o 3 días, y fue mucho, porque llegó ese momento, **esa persona nos humilló**, y me incluyo, él hizo una reunión con nosotros, y fue algo como que **ustedes son allá, y yo estoy aquí**, y desde ese momento nos dimos cuenta, mi esposo estuvo 3 días con esa persona y fue embora...” (Relato 1, 2021, grifo meu)

Nesse relato se evidencia não apenas a questão relacionada com a discriminação, mas podemos ver atos relacionados com a xenofobia e racismo (USTEDES SON ALLÁ Y YO

ESTOY AQUÍ). Muitas das mulheres estão em Venâncio Aires com as suas famílias por causa de um emprego sinalizado que não era real.

“...los que **nos engañaron** nos dijeron bueno ya tu no tienes empleo, **agarra lo que está saliendo** porque ya no tienes empleo, **fue como que más humillante todavía**. ¡Yo le dije a mi esposo – no! ¿Si ya te engañaron, tu crees que no te van a volver a engañar? (Relato 3, 2021, grifo meu)

O fato de não ter a documentação regularizada gera mais discriminação, aumentando as chances de alguns empregadores com más intenções para abusar dos e das migrantes. É por isso que foi feito um chamado à polícia federal para que se tomem ações em relação aos atrasos das entregas e renovação da documentação das migrantes, pois, sem ela, os e as migrantes são alvos sensíveis de abusos, com especial atenção ao trabalho escravo.

“la última persona que quedó en esa empresa quedó hasta 3 o 4 meses atrás, y no por gusto, sino porque **tenía la documentación vencida**, y no tenía otra manera de hacerlo... él se fue para São Paulo” (Relato 1, 2021, grifo meu)

Segundo Almeida (2022), dentro da Operação Acolhida, há a articulação para a modalidade de Vaga de Emprego Sinalizada (VES), realizada através da Organização das Nações Unidas e o Ministério da Defesa. O procedimento diz que cada empresa precisa fornecer um cadastro ao Exército Brasileiro, reunindo documentos, especialmente documentação relacionada à comprovação de responsabilidade social, junto com uma declaração em que se prova a inexistência de trabalho escravo e exploração de mão de obra infantil na empresa (ALMEIDA,2022). Apesar disso, nos relatos com as mulheres foi evidenciado que até hoje em dia existem empresas que não cumprem o que elas declaram frente à ONU e ao Ministério da Defesa.

“...lamentablemente **fuiamos engañados**... Llegamos aquí a Venancio por una **oferta engañosa**, de unas personas conocidas de la ciudad, y bueno, era cierto y lamentablemente decidimos dejar la granja, para venir... a mi esposo le dio vergüenza decirles - ustedes tenían razón, nos engañaron...” (Relato 3, 2021, grifo meu)

Não apenas foram aparecendo relatos relacionados ao tipo de emprego, no qual aquilo oferecido não era verdadeiro, mas também começaram aparecer relatos relacionados com o que se conhece como trabalho escravo. Algumas vezes os empregadores se aproveitam da condição dos migrantes que ignoram os seus direitos, ignoram da existência de uma lei que os protege e podem denunciar esse tipo de violações, mas algumas vezes a necessidade de enviar dinheiro para as suas famílias fazem com que eles e elas, ainda conhecendo a lei, deixem que sejam tratados dessa forma.

“... anteayer mi esposo llegó del trabajo con una **depresión horrible**, que se quería ir para Venezuela, - nos vamos pa’ Venezuela! – entonces él dice que su jefe es un psicópata, que es un loco... que el tipo es solo **producir, producir, producir**, me dice que ese día **la comida le cayó mal**, y cuando él se dirigió al **banheiro, estaba**

**cerrado**... entonces él dice – como va a ser una empresa si eso está cerrado, si es para hacer nuestras necesidades, uno como ser humano – Entonces lo fue a buscar... y que el jefe le dijo **que a esta hora todos los banheiros deben estar cerrados porque todos tienen que estar trabajando**, entonces a mi esposo le dio una indignación por dentro, si eso es algo normal de un ser humano que tiene que ir a hacer sus necesidades, me cayó mal la comida! O sea, me siento mal, necesito dirigirme al banheiro, él señor se apuró, buscó las llaves y le abrió...” (Relato 5, 2021, grifo meu)

“... mi esposo dice que si la cartera se la firman este lunes con el mismo salario, él va embora, porque dice que **lo explotan mucho**... hace días le dijo al jefe que la máquina está mala, que hay que repararla, y el jefe le dijo que esa máquina no se puede parar, que tiene que estar produciendo, **de la máquina el plato del torno, que aquí le dicen placa, voló, y le cayó aquí en la pierna**, se le puso un morado así, que le rompió hasta el pantalón, eso era para tener unos dos días de reposo, y a él no le dieron reposo nada... **llegó a la casa cojo**... entonces él dice que **aquí uno no tiene seguridad ni en el trabajo ni en nada, si tu te enfermas, estás con fiebre... no puedes parar, tienes que producirle a la empresa**... él no puede reclamarle nada al jefe, que sino vete, así tienes que trabajar...” (Relato 5, 2021, grifo meu)

“...cuando tuvo el accidente con el plato del torno él fue al médico del trabajo, le mandó un antiinflamatorio para el dolor, y más nada... a seguir trabajando... **no le dieron uniforme (equipamento adecuado para trabalhar com segurança)**...” (Relato 5, 2021, grifo meu)

“... ellos hablan con sus compañeros en su media hora de comida y nada más, a ellos **no les dejan tener el teléfono** encima, para una emergencia, **si me pasa algo a mí o a la niña, él no se entera porque no lo dejan tener el teléfono** encima, porque si lo tiene, o llega a sacar el teléfono... enseguida le llega el jefe ahí [...], el jefe no te puede ver hablando porque **tienes que estar ahí produciendo, tu tienes que estar produciendo en la máquina**...” (Relato 5, 2021, grifo meu)

É importante ter em consideração que estes relatos representam a vida e o que acontece com esta mulher migrante e a sua família, não se conhece o nome da empresa, nem se aquele trato está sendo exclusivamente com os migrantes, ou se aos brasileiros também esse trato é dado.

“Normalmente **no es la única persona que vive eso en esa empresa**, aquí se dice que las leyes de aquí de Brasil del trabajador, no beneficia al trabajador, sino que beneficia a la empresa” (Relato 2, 2021, grifo meu)

As participantes têm conhecimento disso, mas elas vão demonstrando que alguns dos relatos delas vão se conjugando e isso ajuda a ver que os e as migrantes passam por muitas situações de vulnerabilidade que correspondem ao lugar de trabalho e que infelizmente o ponto em comum é que acontece com os migrantes.

“... mi esposo dice que tu pierdes un día de trabajo, **pierdes los beneficios, la bolsa que te dan de comida**, o sea un rancho que ellos dicen ahí, tu pierdes un día, ya pierdes eso automáticamente, **no puedes perder ni un día, nada, así estás prendido en fiebre**, o te sientas mal, o estás con vómito, en ese lugar donde él trabaja” (Relato 5, 2021, grifo meu)

“Y ahí un caso similar en otra empresa aquí en Venancio que tiene en lugar de bolsa, un cartão de comida de 90 reais, el cual **si incumples dos faltas o una y media, te quitan el cartão completamente**” (Relato 2, 2021, grifo meu)

“... a pesar de que no fue sincera y **me pagó con ropa, no con dinero**, mas no por eso yo le dejé el trabajo botado... igual le terminé porque fue mi compromiso... yo dije... debo tener orgullo, mas voy a dejar que mi dignidad vaya por encima, y después ella no vaya a salir y decir – a venezolana floja que no les gusta trabajar, uno les da una cosa y ellos ni siquiera lo agradecen – eso sí cuando me volvió a llamar le dije que no, que estaba ocupada... pero si le hice el trabajo, se lo terminé...” (Relato 3, 2021, grifo meu)

“... eso es aquí y en todos lados, a nosotros los migrantes a veces nos quieren ver la cara, uno de mis primeros intentos de trabajo [...] fue en una escuela de idiomas... yo le dije a la dueña – yo nunca he dado clases de idiomas, pero soy fluente en algunos idiomas – ella dijo que le interesa, le pregunté cuánto paga y dijo – mira, **yo pago 20 reales la hora**... yo acepté... Cuando empecé a trabajar me dijo – mira, todavía no te puedo dar clases porque como nunca has sido profesora, te tengo que entrenar, yo acepté... cuando se acabó el mes yo seguía en prácticas, y lo que hacía era acompañar a las otras profesoras a sus clases... **nunca firmaron mi cartera de trabajo** a pesar de que yo lo pedía, ella decía ¡ah! Si, si... podemos hacer un contrato con la contadora... y me daba largas... y **cuando se acabó el mes, el valor que yo recibí era menos de la mitad, no llegaba ni a 200 reales**, era muy poquito, y le pregunté como así, si tu dijiste 20 reales la hora, y ello dijo – si, pero son las horas clase, y tu no has dado ninguna clase – para mí eran 20 reales la hora, no había diferencia de que 20 reales tal cosa, 10 reales tal otra, 5 reales otra... entonces ella dice – la verdad es que ha sido mi tiempo que yo he invertido en ti, y aún así te estoy pagando – eso me dolió en el corazón, yo agarré mis cosas, y me fui no volví más... **y yo lloraba y decía que aquí estos brasileños te explotan y son de lo último, que se aprovechan de la gente, y es que realmente tu no sabes las leyes de Brasil, tu no sabes cuales son tus derechos...**” (Relato 4, 2021, grifo meu)

Almeida (2022) traz relatos parecidos. A autora afirmou ter sido descoberto que não existe um controle pós-contratação para validar se as declarações e os compromissos estão sendo cumpridos.

Foi relatado que grande parte das vagas oferecidas é para postos de trabalho precário na região Sul e Centro-Oeste do país[...] diversos atores relataram as precárias condições trabalhistas às quais os imigrantes são submetidos (p, 20)

É através desses depoimentos que se poderia inferir que mesmo o projeto de acolhida seja um recurso muito importante para o acolhimento dos migrantes, ele deve evoluir e aprimorar as etapas seguintes depois da interiorização. O acolhimento aos imigrantes não termina no momento em que eles sobem no avião e deixam os estados do norte. É preciso fazer o seguimento não somente através do Exército Brasileiro, mas também através de profissionais que entendam as consequências das violações de direito gravíssimas que podem sofrer os e as migrantes. Não tem nada de humano deixar que os e as migrantes sofram esse tipo de trabalho, muitas vezes considerado trabalho escravo.

“... en mi caso me dicen – ay pobrecitos ustedes, que son profesionales, que estudiaron tanto, y lo que están es limpiando...Cómo ustedes pueden hacer eso? – y mi respuesta es – ¡Haciéndolo! –” (Relato 3, 2021)

As mulheres venezuelanas que foram parte dos encontros falaram sobre as suas profissões e em que trabalhavam na Venezuela:

Nosotros somos profesionales, que nos costó muchísimo, yo estudié relaciones industriales [...] soy **licenciada em administración municipal** [...] hice una formación [...] que se llama **componente docente**, di aulas 8 años y medio en la universidad, hice  **cursos en seguridad industrial**, fui coordinador de **seguridad industrial de taladros de petróleo** [...] mi esposo se graduó como **ingeniero de telecomunicaciones, técnico electricista, técnico en refrigeración**, él trabajaba como ingeniero de campo en una empresa de petróleo. (Relato 3, 2021, grifo meu)

[...] yo estudié **metalúrgica** y soy **ingeniera en mantenimiento industrial**, y tengo un **posgrado de criminalística** [...](Relato 5, 2021, grifo meu)

Já aqui no Brasil, a situação é muito diferente, foi evidenciado que mesmo sendo elas, as mulheres, quem tomaram a iniciativa de migrar, e trazer a família junto, a maioria das vezes são elas que terminaram ficando em casa ao cuidado dos filhos, como consequência da maternidade, pelo seu rol de gênero ela está “forçada” a fazer. A continuação encontrará alguns relatos onde se evidencia de quem foi a iniciativa inicial de migrar dentro dos encontros.

“Yo saqué mis papeles en una semana, en cuatro días, sin embargo, había gente que tenían 15 días, hasta 20 días, hasta un mes sacando papeles, y yo solo en 4 días saqué todos los papeles, los míos, los de mi esposo y los de mi hija...” (Relato 5, 2021)

Yo siempre he sido muy independiente, yo no me aferro a las cosas materiales, dejé a mi familia allá, mis hermanos y mi mamá... yo siempre le dije a mi mamá, yo tengo que ver es por mi hija, es lo que estoy formando (Relato 1, 2021)

“[...]el documental, aun cuando es duro, y más duro aún porque es la realidad, no es la misma situación la de la mujer y la del hombre, [...] no solo por esa parte sexual, sino también a lo que es la parte laboral, origen, y psicológica...” (Relato 3, 2021)

Os empregos oferecidos para os homens têm a ver com oficinas mecânicas de carros, serviços de metalúrgica, trabalho em lavoura de fumo, operador de maquinária de lavouras etc. Por sua vez, para a mulheres migrantes os empregos oferecidos são de serviço de limpeza, faxineiras, vendedora ambulante, cozinheira, todos, ofícios que são considerados “papéis tradicionais femininos”.

“Viví dos años y medio en Roraima, no tuve un trabajo efectivo, más siempre conseguía, yo trabajé como ejecutiva de ventas de Avon, aprendí, trabajé en lanches, aprendí a hacer rosquinhos, y vendía rosquinhos en la calle, y me iba muy bien, lo único que mi esposo no consiguió empleo [...] la cosa estaba difícil yo dije no, yo trabajaba de domingo a domingo” (Relato 1, 2021)

aquí yo no estoy trabajando, yo lo que hago es mis quesillos a veces hago tortas [...] la gente compra en el supermercado y no me compran a mí [...] (Relato 5, 2021)

“actualmente trabajo en una farmacia como faxinera, limpiadora... cuando yo digo que indistintamente de las situaciones,... uno sale a trabajar, y todo lo demás [...]” (Relato 3, 2021)

O maior problema relacionado com a profissão dentro das comunidades migrantes venezuelanas hoje aqui no Brasil é o fato de não poder exercer a sua profissão. Há mulheres altamente qualificadas, com vários tipos de habilidades e preparação para realizar trabalhos que

no Brasil são considerados *trabajos masculinos*, mas que na Venezuela eram realizados com muita normalidade por mulheres, como é o caso dos trabalhos da indústria petroleira.

“...y ser mujer migrante es que a parte nosotros presentamos un poco más de dificultad que el hombre... principalmente por el trabajo, porque puede ser que como él es hombre y yo soy mujer, hay trabajos que ellos piensan que él puede hacer y yo no, más yo si lo puedo hacer, **pero como él es hombre yo si he sentido esa discriminación**, y yo si veo que hay diferencias entre hombre y mujer migrante aparte del sexo... la mujer migrante tiene más dificultades que el hombre migrante... discriminación en el trabajo, o que dicen que como eres venezolana eres fácil...” (Relato 2, 2021, grifo meu)

Outra dificuldade é a questão da validação de suas formações profissionais. Os e as venezuelanas têm muitas dificuldades para validar os seus diplomas emitidos na Venezuela, pois, pela situação política, eles e elas não conseguem sair com os diplomas apostilados, nem carimbados pelo ministério de educação venezuelano. Algumas universidades dentro do Brasil têm criado portarias para que os e as profissionais venezuelanos e venezuelanas validem seus títulos, porém, infelizmente, os custos são altos e, além disso, as universidades que oferecem essa oportunidade estão muito longe de Venâncio Aires.

“yo quiero volver a ejercer, y aquí (en Brasil) **se me está complicando**” (Relato 3, 2021, grifo meu)

“...no ubicamos nada con nuestro perfil, hacer las validaciones de nuestros diplomas ha sido muy complicado, bastante complicado, de hecho, **la carrera de mi esposo aquí en Brasil no existe**, es una de las cosas que más complica en el caso de él, y bueno, más sin embargo hemos seguido ahí...” (Relato3, 2021)

Parte de los problemas es que las universidades en Venezuela... están bien complicadas para hacer todo ese proceso... nosotros pedimos la cita para la apostilla, y nunca se dieron. (Relato 3, 2021)

Tendo em vista tais questões, discuto, a seguir, as formas pelas quais as mulheres migrantes resistem, mediante o fortalecimento de redes.

### 3.3 Fazendo redes: formas de aprender e resistir

Neste trabalho, compreende-se rede como “[...] como un proceso dinámico de construcción y reconstrucción de redes sociales que estructuran la movilidad espacial y la vida laboral, social, cultural y política tanto de la población migrante como de familiares, amigos y comunidades en los países de origen y de destino, o destinos” (GUARNIZO, 2006 citado por GONZÁLVEZ, 2007, p.11,12)

Dessa maneira, no último dia dos encontros, as participantes contaram o que significa, para elas, ser uma mulher migrante:

“...es una luchadora, soñadora, que sale de su tierra con la convicción de tener para los suyos **una mejor calidad de vida**, así esté separada de esa familia por la que lucha... es la que, aunque le toque adaptarse, no se rinde, no olvida su origen, no olvida a su familia y todo aquello que ama, y por lo que lucha...” (Relato 5, 2021, grifo meu)

“...es dejar tu país por **un mejor futuro**, sea para ti, o para tu familia...” (Relato 2, 2021, grifo meu)

“...es tener la certeza de que no sabes como te va a tratar la gente al llegar, en el caso mío **llegué con muchas ganas de seguir adelante**, aquí es otro idioma y hay que aprenderlo como sea...” (Relato 5, 2021, grifo meu)

As respostas foram variadas, mas ao mesmo tempo parece existir um desejo em comum: "a procura de um futuro melhor". As migrações e as estratégias para procurar um futuro melhor vem se constituindo desde há alguns anos: “Quanto mais estabelecidas encontram-se as redes, maiores chances tem a migrante no lugar de destino” (ASSIS, p.752 2007). Essas chances não apenas são chances para uma vida melhor, mas também se estaria falando de chances para sobreviver às agressões, as violações que trazem consigo a sua condição de migrante.

Na medida em que as mulheres migram, vão tecendo uma rede de conexões entre elas mesmas, de acordo com o lugar onde esta rede esteja. Se trata de um conjunto de situações que vão fazer que essa rede cresça ou não. Eu venho da área de administração, e gosto pensar nessa rede como uma estratégia de marketing; se o serviço é bom, você vai recomendar ele para mais pessoas, mas se o serviço é péssimo, você não apenas não indicará o lugar, mas não falará bem sobre esse lugar todas as vezes que seja possível.

Las redes de vínculos y relaciones que establecen las migrantes, bien sea de corte familiar o de otro tipo, que les permiten contar con recursos vitales y de sobrevivencia, por ejemplo, el hospedaje los primeros días de llegada, las ofertas de empleo, entre otros, se deben tener presentes en cualquier análisis para el diseño de políticas migratorias. (FERNÁNDEZ-MATOS, 2019, p.159)

São essas redes que se vão construindo que nos permitem, que nos ensinam a resistir, onde as mulheres criamos um vínculo através de um fio invisível, e em algumas das vezes imperceptível, pois ele nos junta, e nos invita a entender o lugar onde nós estamos hoje. Nossas culturas e costumes com que chegamos poderiam ser consideradas como empecilhos, sendo que, para podermos desenvolver neste novo lugar, as redes de mulheres migrantes estão aqui para desembaraçar os nós nas nossas cabeças, para entender questões como a costumes locais.

“...es parte de la cultura de aquí, y todo eso se respeta... (Relato 3, 2021)”

Numa primeira instância, dentro dos encontro,s o tema sobre os choques culturais foram aparecendo, os relatos iniciais foram relacionados a questões como a forma de vestir dos brasileiros, até chegar a situações vivenciadas relacionadas às formas de trabalho e moradia.



“A mí me sorprende, y aquí las personas se sorprenden de que yo vaya a trabajar en medio del calor, así... no con zapatos deportivos, sino con pantalón largo... ¿cómo con este calor vas a andar con pantalón largo? ¡Puede usar un short! Y yo digo – no – ¡No! Ir a una entrevista de trabajo en short o en sandalias – ¡No! -” (Relato 3, 2021)

“...eso sí se ve muchos tatuajes aquí” (Relato 5, 201)

“...Nunca habíamos hecho eso... lavar las paredes de afuera de una casa de madera... sí aquí lavan las casas... allá se pone es pintura...” (Relato 5, 2021)

“... de hecho no, a mi esposo lo vi ayer de bermudas... pero con sandalias de baño... y luego estaba que le dolían los pies, pero es que no le quedó intentar imitar a las personas de aquí...” (Relato 3, 2021)

No caso de Venâncio Aires, em junho de 2022 já existiam 354 migrantes venezuelanos interiorizados (R4V, 2022). Esses números demonstram a rede que se tem construído. Além disso, se tem evidências que essas redes são construídas especialmente pelas mulheres. A raiz dessa migração inicial, as mulheres têm tecido redes que têm ajudado a outras mulheres a continuarem migrando, a continuar chegando em Venâncio Aires, mas isso não é novo, existem alguns estudos que demonstram que as migrações e as estratégias para procurar um futuro melhor vem se constituindo desde alguns anos: “Quanto mais estabelecidas encontram-se as redes, maiores chances tem a migrante no lugar de destino” (ASSIS, p.752, 2007).

É assinalado que, na medida em que, desde o ano de 2018, a Venezuela começou ter um êxodo muito grande de seus cidadãos, foi criada uma rede social enorme, principalmente de mulheres, visto que são elas quem tem maior facilidade na criação dessas redes de apoio. Entenda-se a palavra rede como “comunidade internacional” (GIL, 2014), essa comunidade que vai unir os dois fluxos migratórios, o da origem e do destino, que vai nos ajudar a entender como é que as mulheres migrantes interagem e se ajudam na integração dentro do sistema social, econômico, cultural e simbólico. (FERNÁNDEZ-MATOS, 2019)

Concordo com Butler quando ela afirma que

Uma percepção que a violação proporciona é de que existem outras pessoas das quais minha vida depende, pessoas que não conheço e que talvez nunca conheça. Essa dependência fundamental de pessoas anônimas não é algo de que eu possa, voluntariamente, me afastar. [...] Existem meios de distribuir vulnerabilidades, formas diferenciadas de alocação que tornam algumas populações mais suscetíveis à violência arbitrária do que outras [...] (BUTLER, 2014, p.10)

A partir desta citação abranjo às questões relacionadas às resistências, pois mesmo sendo que as redes de mulheres tenham trazido mais número de migrantes a Venâncio Aires, as vulnerabilidades não têm desaparecido, tendo alguns de discriminação bem evidentes. Estas mulheres que chegaram na busca de um futuro melhor, também têm chegado para ensinar-nos

como se resiste às ações violentas que tanto elas como as suas famílias têm que enfrentar no dia a dia.

Dentro dos encontros teve muita curiosidade para entender o sentimento que cada uma das mulheres tinha em relação ao seu país. Evidentemente, o fato de elas serem venezuelanas traziam uma vivência cultural diferente da minha como equatoriana. Queria trazer à tona o sentimento que as fazem sentir vulneráveis, o que eu queria saber, era quais são os desejos dela em relação ao seu país, e isto foi o que elas disseram:

“...hay personas que se resienten con su país, y es el gobierno, son los gobiernos los que permiten... aquella canción, de aquel momento, tiene un palavrão, todo el mundo podía en un estadio de béisbol, cantarla, y no decir Venezuela... sino Maduro...” (Relato 3, 2022)

“...y será que encuentras a esa Venezuela que dejaste? – No!, ¡ya no! ...es difícil, porque Venezuela ha pasado por más de 20 años... y lo peor a parte de la parte política y económica, el mayor daño que se le ha hecho a Venezuela es la descomposición social que existe...” (Relato 1, 2021)

“...y es lo que uno le pide al amanecer y al anochecer a Dios...Una oportunidad para nuestro país, porque saca a tu familia, pero queda tanta gente sufriendo allá... y mi corazón no da para decir, ya yo estoy bien, mi familia va a estar bien, ¿y mis amigos? ¿El resto de mis familiares? Es duro, es un cambio bastante drástico.” (Relato 3, 2021)

“Yo soy optimista... no hay mal que dure 100 años, y lamentablemente la sociedad está bastante resquebrajada... porque el gobierno fue permisivo de que nuestra sociedad decayera, decayera en valores, y cuando una sociedad empieza a perder esos valores, cuando el dolor de tu vecino, de tu amigo, no te llega, estamos siendo inhumanos... la tormenta duró 40 días, pero después salió el sol, y algo así tiene que haber para mi país” (Relato 3, 2021)

Não se trata de sentir lástima por aquelas mulheres e as suas famílias, mas bem é tudo o contrário, os e as migrantes são sujeitos de direitos, e dentro dos seus direitos está a livre mobilidade. Se trata de aprender. A experiência da migração para estas mulheres foi percebida por mim como uma batalha por obter uma melhor condição de vida. Mas não é isso o que todo mundo deseja? Pois bem, destaco que estes encontros, e os outros que elas continuaram tendo até o fim dessa pesquisa ajudou a fortalecer a união, e a resistência pela qual cada uma delas está passando. Acredito que deles podemos obter aprendizados valiosos, como o que foi evidenciado nesta dissertação; como a feminização da migração, assim como o quão necessário tem sido a criação de redes para que as mulheres consigam resistir juntas às vulnerabilidades relacionadas com a migração, tudo isso nos ajuda como ferramentas para a criação de políticas de acolhimento, e abrigo.

“...todos somos vulnerables al salir, mas está en cada uno de nosotros ver como hacemos que esa vulnerabilidad nos afecte, mas no nos invada... yo soy vulnerable porque soy migrante, entonces todos y cada uno de los que me quieran venir a hacer daño, lo hagan porque yo soy vulnerable, y alguien tiene que venir a defenderme...no estoy de acuerdo con eso... eres vulnerable, no lo vas a dejar de ser, mas tienes que

tratar de cómo esa vulnerabilidad, lejos de ser una debilidad, se convierta en una fortaleza...” (Relato 3, 2021)

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar nos de certas verdades, de modo a dedicarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo (BIESTA, 2013).

Por causa das ondas migratórias no mundo, que não param, os migrantes temos sido estigmatizados de várias maneiras e, em alguns casos, subestimados, como pessoas que não merecemos ser tratadas com respeito no país de destino.

“...son muchos los que, por desconocimiento, del país receptor, o de los ciudadanos del país receptor que están maltratando mucho a nuestra gente, no digo que todos los que salimos somos santos, lamentablemente hubo mucho venezolano que salió a hacer lo que no debía, y eso maltrató la imagen de ese venezolano trabajador, de ese venezolano que lo que quiere es salir adelante, y mejorar la calidad de vida de su familia...” (Relato 3, 2021)

Foi importante contar a minha história, pois, depois de fazer as transcrições das gravações dos encontros, me dei conta de que a minha história de criança vivenciando a migração tão de perto foi muito sensível e indispensável para que elas, as mulheres que formaram parte da minha pesquisa, se sentissem mais confiantes, mais dispostas para contar as suas histórias, auxiliando na construção desta dissertação. Todas essas histórias são diferentes e é exatamente por isso que precisam ser contadas e escutadas, pois talvez, assim, nós possamos responder o que podemos fazer para sermos humanos menos cruéis com aqueles que são diferentes, que falam diferente, que pensam e agem diferente.

Ao longo de cada encontro além dos recursos de áudio que utilizei para gravá-los, também tive junto um diário de campo, nele, consegui descrever momentos que num áudio não é possível serem registrados. A seguir gostaria de fazer um pequeno relato relacionado a essa experiência:

*“Chorar sozinha entre nós” teve momentos no quais eu como pesquisadora me sentia culpada porque sentia que eu era a responsável das lágrimas que caíam do rosto de cada uma de nós, mas imediatamente me dei conta de como nós nos fortalecíamos uma às outras, e o fato de estarmos juntas nos levava a querer continuar contando nossas histórias, pois talvez tenha sido preciso chorar, chorar sozinha, mas entre nós. O grupo nos fortalece. (relato 4, 2021)*

Entendemos que nós, migrantes, “somos diferentes”, quem diz o contrário não sabe o significado de ser migrante, e por isso damos um cuidado adicional às nossas ações fora de casa, para assim sermos vistos como “pessoas do bem”, cuidamos da nossa forma de vestir, para trabalhar, para sair de casa etc. Percebemos que, sim, somos diferentes em culturas, que

nos ajeitamos diferente, e hoje somos muito mais cuidadosos do que antes porque entendemos que tudo mundo olha para nós, pelo fato de sermos diferentes.

Como foi visto anteriormente, a partir de nossas conversas, o trabalho escravo apareceu e é muito forte, verdadeiramente eu terminei muito afetada, e me perguntei o que se pode fazer? Foi esse um outro motivo que me motivou enquanto durou o processo da escrita, visto que considerei de extrema importância fazer uma pesquisa para contribuir com informação, conhecimento, produção de saberes e sentidos nas vidas dessas mulheres (considerando também a relação que eu desenvolvi com elas através da pesquisa), tudo relacionado com aquelas mulheres migrantes venezuelanas no sul do Brasil, porquanto elas estão, na medida que o tempo passa, construindo redes de apoio para que outras mulheres se juntem não apenas para migrar, mas uma vez sendo migrantes, para se apoiar, para enfrentar juntas as problemáticas relacionadas com a migração. Nas palavras de Butler, para criar “comunidades baseadas na vulnerabilidade e na perda” (BUTLER, 2004). Nesta perspectiva, entendo que o grupo de mulheres, como um espaço educativo não-escolar, não pode parar, deve seguir, pois se trata de uma rede apoio. Gláucia Assis (2007) no seu artigo “Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional” que analisa a inserção de mulheres nos fluxos migratórios entre o Brasil e os Estados Unidos afirma que:

As imigrantes, uma vez estabelecidas, mantiveram relações com a sociedade de origem e teceram conexões com a sociedade de destino, construindo redes de migração que estimularam novas migrações (ASSIS, p. 749, 2007).

Judith Butler no livro *Quadros de Guerra* faz uma pergunta parecida, “o que pode ser feito como política de luto além de uma guerra?” (BUTLER, 2014, p.10). Aqui poderia se dizer que a guerra é contra todos esses aspectos falados até agora, que na sua íntegra, conformaram o conceito de interseccionalidade trazido aqui, em outras palavras se trata de uma tentativa para atingir a que nós seres humanos tenhamos mais informação relacionada ao que está acontecendo ao nosso redor. Questionar aos nossos mandantes o que se está fazendo para sermos uma comunidade que acolhe em lugar de rechaçar as famílias migrantes deveria ser a nossa missão.

Nessa dissertação, busquei discutir as situações e vivências de uma cidade próxima onde eu moro. É preciso dizer que Venâncio Aires, hoje, se tem tornado uma cidade com um modelo a seguir para outras cidades do Brasil no que se refere ao abrigo de migrantes, uma cidade que, através da sua política de acolhimento conseguiu perceber o que estava em falta num momento específico, e se propôs a tomar ações para enfrentá-las. Embora se saiba que nada está *escrito em pedra*, ou seja, as circunstâncias podem rapidamente mudarem, e apenas uma lei ou uma

política podem não ser suficientes, também se considera a importância de cuidar daquilo que até aqui foi obtido.

Além disso, assinalo que os espaços reservados para a educação das pessoas, como escolas, universidades e centros de estudos não são apenas os espaços onde se aprende. Estas mulheres nos ensinaram que a resistência pode ser feita em qualquer lado onde elas estejam; na fila enquanto esperam para serem atendidas pela polícia federal em Roraima, nos refúgios enquanto esperam pelo processo de interiorização, no galpão onde foram colocadas quando chegaram pela primeira vez em Venâncio Aires, na secretária de habitação e desenvolvimento social da prefeitura, nas praças, nas escolas, nos postos de saúde, enfim, esses corpos nos educam, nos ensinam a resistir em rede.

Sempre gostamos do nosso espaço. Agrupar-se em tribos, temer a presença de um grande número de forasteiros e reagir ao que entendemos como uma possível ameaça são atitudes muito humanas. Formamos laços importantes para a sobrevivência, mas também para a coesão social. Desenvolvemos uma identidade de grupo, e isso frequentemente leva a conflitos com os outros. Nossos grupos competem por recursos, mas há também um elemento de conflito de identidade – uma narrativa do “nós contra eles”. (MARSHALL, 2021, p.12)

A partir dos operadores teóricos escolhidos nesta dissertação e depois de realizar as análises de dados, gostaria me atrever a pensar nas migrações como *migrações femininas*. As migrações são femininas não porque apenas as mulheres migram, mas sim porque as situações relacionadas com a migração estão também relacionadas com os sofrimentos de discriminação que as mulheres sofrem, bem como aos processos de resistência que compõem o ser mulher no mundo há tanto tempo. Além disso, as migrações são femininas na medida que, na maioria das vezes, são as mulheres que constroem redes, constituindo espaços educativos que as fortalecem e lhes permitem encontrar estratégias de enfrentamento às situações vividas:

“... cuando él enfermó...en abril los dos enfermamos, solo que él se puso peor que yo... lo único que él había pasado era una operación de columna allá en Venezuela en el 2014... fue muy difícil... encontré muchas amistades, antes, hacia atrás había encontrado muchas amistades también, mas fue muy duro, porque cuando nos enfermamos, la mayoría nos dio la espalda, y eran de esas amistades de todos los días ahí, buscándonos... pero cuando a nosotros nos tocó necesitar, ni siquiera algo material, sino el apoyo moral, mi consuelo eran algunas personas por teléfono, y los bancos de la iglesia, que era donde yo me metía a llorar todos los días...”(Relato 3, 2021)

Finalmente, gostaria fazer um apontamento adicional: as necessidades de nós, migrantes, são características da nossa condição, sendo que há um momento no qual não precisamos somente de ranchos de comida ou de vale transporte, mas as nossas necessidades vão evoluindo em questões específicas sobre nós migrantes, isto é, a obtenção da nossa documentação, validação dos nossos diplomas universitários, o ensino da língua portuguesa, entre outros. Com isso em mente, e tendo em vista as políticas públicas da assistência social no

Brasil, somos nós migrantes que devemos participar em conjunto com quem cria as políticas para que assim as nossas petições sejam atendidas, mas também porque precisamos de uma representatividade dentro dos centros públicos de atenção ao migrante.

Resistir para ensinar como sobreviver, isso é o que importa.

“... los que estamos por fuera estamos agradecidos con los países que nos están recibiendo, aún en las circunstancias que a veces lamentablemente no sean las más adecuadas, hay situaciones que tal vez no sean las más correctas, en los modos en los que nos están recibiendo, mas sin embargo hay oportunidades, y especialmente en Brasil...” (Relato 3, 2021)

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Rebeca. Et al. *A securitização do humanitarismo: percepções sobre a interiorização de imigrantes venezuelanos no Brasil*. Informalidade e proteção dos trabalhadores imigrantes navegando pelo humanitarismo, securitização e dignidade, OUTRAS EXPRESSÕES, São Paulo, n.1, p. 13-23, ene/2022. Disponível em: <https://www.politicaconomyoflabour.org/pt-br/Articles/livro-informalidade-e-prote231227o-dos-trabalhadores-imigrantes-navegando-pelo-humanitarismo-securitiza231227o-e-dignidade> Acesso em: 28 jul. 2022.
- ARENDT, Hannah. *Escritos Judíos*. Nosotros, los refugiados. Barcelona. Paidós. 2009.
- ASSIS, Gláucia. *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional*: Estudos Feministas, v. 15, n. 3, p.745-772, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/pTknVwR7jtGFHsPfyV5Mk7x/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 28 de jul. 2022.
- BANDEIRA, Larisa. *Para oferecer a hospitalidade: aula e refugiados no Brasil*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189592> Acesso em: 28 jul. 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à Nossa Porta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BECKER, Bertha K. *Geopolítica da Amazônia*. Estudos Avançados, v.19, n.53, Rio de Janeiro Jan-Abr, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10047> Acesso em: 28 jul. 2022.
- BRASIL, Lei nº 8.245, de 08 de outubro de 1991. Brasília, DF, 1991.
- BRASIL, Lei nº 94.474, de 22 de julho de 1997. Brasília, DF, 1997.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.286, de 15 de fevereiro de 2018. Brasília, DF. 2018.
- BRASIL. Lei nº 9.970, de 14 de agosto de 2019 Brasília, DF, 2019.
- BRASIL. Lei nº 6,796, de 08 de junho de 2021. Venâncio Aires, RS, 2021.
- BRONER, Tamara. *La inmigración venezolana em territorio brasileño*. Florecer lejos de casa testimonios de la diáspora venezolana. Editorial:KONRAD-ADENAUER-STIFGTUNG ed.1. Montevideo. 2018. Disponível em: <https://dialogopolitico.org/wp-content/uploads/2018/08/floreceer-lejos-de-casa-testimonios.pdf> Acesso em: 28 jul. 2022.
- BBC News. Como a Venezuela saiu da hiperinflação e o que isso significa para a frágil economia do país, 2022. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59955784> > Acesso em: 8 mar. 2022.



BIESTA G. *Para além da aprendizagem. Educação democrática para um futuro humano*. Belo Horizonte: Autêntica. 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra, quando a vida é passível de luto?* 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith. *Vida Precária: Os poderes do luto e da violência*. 2004. 1 ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade*. 21 ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira. 2021

CARASTATHIS, Anna. *The concept of Intersectionality and Feminist Theory*. Philosophy Compass, n.9, v.5, p.304-314, 2014. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/phc3.12129> Acesso em: 28 jul. 2022.

CHIAPETTI, Thatiane Barbieri. *O direito internacional dos refugiados e o seu reflexo no ordenamento jurídico brasileiro na análise da lei nº 9.474/97*. Tesina de Grado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24893> Acesso em: 28 jul. 2022.

CONARE. *Resolução Normativa do nº 23, de 16 de dezembro de 2016*. Brasília, DF, 2016.

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO. *Resolução normativa nº 126, de 03 de março de 2017*. Brasília, DF, 2017.

COUTO, Caroline. *Infâncias-migrantes-literatura-infantil: cometas, para interrogar o mundo e reinventar mapas*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2775/1/Caroline%20Couto.pdf> Acesso em: 28 jul. 2022.

CRENSHAW, Kimberly. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*. Stanford Law Review, v.43, n.6, p. 1241 – 1297 jul. 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039> Acesso em: 28 jul. 2022

CRUZ, L. HILLESHEIM, B. *Vulnerabilidade Social*. In: FERNANDES R.; HELLMANN A. *Dicionário Crítico: Política de assistência social no Brasil*. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2016. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub\\_70.pdf](https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub_70.pdf) Acesso em: 28 jul. 2022.

DATOSMACRO.COM. *Ecuador – Emigrantes totales*. Disponível em: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/ecuador> Acesso em: 3 mai. 2021.

DE LA VEGA, Iván. *Estudio longitudinal de la emigración en Venezuela durante el siglo XXI*. IV jornadas de la Sección de Estudios Venezolanos de Latin American Studies Association. Caracas: UCAB, p. 1-15, 2016.

ENAP, Fundação Escola Nacional de Administração Pública. *Conhecendo o fenômeno migratório*. Brasília, 2021.

FENNER, Mildo Léo. *Charlotte: sonhos, tristezas e uma história de amor em dois continentes*. São Leopoldo. Editora Eikos, 2014.

FERNÁNDEZ, Adrián Padilla. *Venezuela entre la hegemonia y la contrahegemonía (una lectura contextual para comprender una complejidad socio-histórica)*. Textos y Debates, n.32, p.175-198, jan/jun 2019. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/5697/pdf> Acesso em: 28 jul. 2022.

FLACSO, Gratton. *La migración ecuatoriana transnacionalismo, redes e identidades*. Quito, 2005.

GUILLÉN, Lorena Tango Ensemble. *Desde Lejos*. 2017, Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Sj0pX\\_vOUPE](https://www.youtube.com/watch?v=Sj0pX_vOUPE) Acesso em: 7 abr. 2022.

GONZÁLVEZ Torralbo, H. Fernandez – Matos D.C. e González Martínez M.N. (Org.) *Migración con ojos de mujer. Una mirada interseccional*. In: \_\_\_\_\_ *Me di cuenta que era negra al llegar a Chile”: Etnografía de lo cotidiano en las nuevas dinámicas y viaje migratorio de mujeres haitianas en Chile*. Barranquilla: Ediciones Universidad Simón Bolívar, p. 179-193, 2019. Disponível em: [https://bonga.unisimon.edu.co/bitstream/handle/20.500.12442/4365/Migración\\_OjosdeMujer\\_PDF.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bonga.unisimon.edu.co/bitstream/handle/20.500.12442/4365/Migración_OjosdeMujer_PDF.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 28 jul. 2022

GONZÁLVEZ Torralbo, H. Fernandez – Matos D.C. e González Martínez M.N. (Org.) *Migración con ojos de mujer. Una mirada interseccional*. In: \_\_\_\_\_ *No imiten a Trump! La necesidad de superar las estrategias de securitización em las políticas migratorias de atención a las mujeres*. Barranquilla: Ediciones Universidad Simón Bolívar, p. 119 – 178, 2019. Disponível em: [https://bonga.unisimon.edu.co/bitstream/handle/20.500.12442/4365/Migración\\_OjosdeMujer\\_PDF.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bonga.unisimon.edu.co/bitstream/handle/20.500.12442/4365/Migración_OjosdeMujer_PDF.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 28 jul. 2022

GONZÁLVEZ, H. *Familias y hogares transnacionales: Una perspectiva de género*. Puntos de Vista: Cuadernos del Observatorio de las Migraciones y de la Convivencia Intercultural de la ciudad de Madrid, Madrid, v.11, p. 7-25, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/28311427\\_Familias\\_y\\_Hogares\\_Transnacionales\\_Una\\_Perspectiva\\_de\\_Genero](https://www.researchgate.net/publication/28311427_Familias_y_Hogares_Transnacionales_Una_Perspectiva_de_Genero) Acesso em: 28 jul. 2022.

HILLESHEIM Betina; KLIX Luísa. *Migração e processos de in/exclusão: estratégias biopolíticas na gestão de vidas migrantes*. Textura. V.24, n.57, p. 94 – 108, jan./mar. 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/6545/4302> Acesso em: 28 jul. 2022.

hooks, bell. *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo*. Plataforma Gueto. n.1, janeiro, 2014.

LOWEY I. *Ciências e Gênero*. In Hirata et alli. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, p. 40 – 44, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod\\_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario\\_critico\\_do\\_feminismo%202009.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf) Acesso em: 28 jul. 2022.

MAGLIANO, María. *Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos*. Estudos Feministas, n.23, v.3, p.691-712, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/LjMTvCSNGL3xR4NJM8ggtPB/?format=pdf&lang=es> Acesso em: 28 jul. 2022.

MDS, Ministério da Cidadania, 2022. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao> Acesso em: 28 jul. 2022.

MEU corpo, minha fronteira. Vídeo (34min). Direção: Eduardo Mossri e Karin Menatti. Produção de SMJR Brasil em parceria com o setor de proteção da Plataforma R4V para o Psea - Proteção contra Exploração e Abuso Sexual. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eFMRuwfF7Qg>. Acesso em: 8 abr. 2022.

MOROKVASIC, Mirjana. *Birds of Passage are also Women*. *International Migration Review*, v. 18, n. 4, p. 886-907, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2546066> Acesso em: 28 jul. 2022

NOVAES, Dirce Trevisi Prado. *Filhos, saúde e migração: mulheres angolanas em São Paulo*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios - CEM, 2022.

OACNUDH. *Informe de la Alta Comisionada de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos sobre la situación de los derechos humanos en la República Bolivariana de Venezuela*. Ginebra, 2019.

ONEWORLD DATA, *Coronavirus data explorer*, Disponível em: <https://ourworldindata.org/explorers/coronavirus-data-explorer> Acesso em: 1 mai. 2022.

PRESIDENCIA DA REPÚBLICA, Interiorização, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/acolhida/base-legal-1/interiorizacao> Acesso em: 9 mar. 2022.

R4V, Plataforma de coordinación para Refugiados y Migrantes de Venezuela. Refugiados y migrantes de Venezuela, 2021. Disponível em: <https://www.r4v.info/es/refugiadosymigrantes> Acesso em: 3 mar. 2022.

RED CLAMOR. *Pies para que te tengo. Testimonios de personas venezolanas refugiadas y migrantes*. Novembro, 2020. Disponível em: [https://www.acnur.org/publications/pub\\_prot/5fad5e624/pies-para-que-tengo-testimonios-de-personas-venezolanas-refugiadas-y-migrantes.html](https://www.acnur.org/publications/pub_prot/5fad5e624/pies-para-que-tengo-testimonios-de-personas-venezolanas-refugiadas-y-migrantes.html) Acesso em: 28 jul. 2022.

RODRIGUES, Cassiane. Marcas da chegada dos imigrantes. *Folha do Mate*. Venâncio Aires. 25 jul. 2020. Disponível em: <https://folhadomate.com/noticias/geral/marcas-da-chegada-dos-imigrantes/> Acesso em: 17 maio 2022.

ROSA, Rita de Cassia Quadros da; HILLESHEIM, Betina; WEBER, Douglas Luís; HOLDERBAUN, Letícia Silva. Gênero, migração e vulnerabilidade: Corpos de mulheres em deslocamento. *Revista Eletrônica Científica da UERGS*, v. 5, n. especial, p. 138-146, 2019. Disponível em: <http://revista.uergs.edu.br/index.php/revuergs/article/view/1935/441> Acesso em: 28 jul. 2022.

SANTOS, Janaina. *Bauman e as migrações a partir da perspectiva dos direitos humanos*, Revista Café com Sociologia, v.6, n.2, p. 404-414, mai. / jul. 2017. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/812> Acesso em: 28 jul. 2022.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em: 28 jul. 2022.

SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação cidadania. A imigração alemã e o Estado Brasileiro*. RBCS, n. 26 ano 9, out. 1994b. Disponível em: [https://athena.fweise.de/hrx/seyferth\\_identidade\\_etnica.pdf](https://athena.fweise.de/hrx/seyferth_identidade_etnica.pdf) Acesso em: 28 jul. 2022.

SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, etnicidade e preconceito no Brasil*. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2007.

UNHCR ACNUR. Programa de Interiorización, 2022 Disponível em: <https://help.unhcr.org/brazil/es/informacion-para-la-poblacion-venezolana/programa-de-interiorizacao/> Acesso em: 9 de mar. 2022.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; SANTOS, Sandro Martins de Almeida. *La dieta de Maduro: migração venezuelana, geopolítica e alimentação*. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, v.13, n.26, Rio Grande, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/13147/9087> Acesso em: 28 jul. 2022.

VENÂNCIO AIRES. Lei no 6.796, de 08 de junho de 2021. Institui no Município de Venâncio Aires, a Política Municipal de Acolhimento e Atendimento para Imigrantes, Apátridas e Refugiados. *Legislação Municipal de Venâncio Aires/RS*, Venâncio Aires, RS, 2021. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/v/venancio-aires/lei-ordinaria/2021/680/6796/lei-ordinaria-n-6796-2021-institui-no-municipio-de-venancio-aires-a-politica-municipal-de-acolhimento-e-atendimento-para-imigrantes-apatridas-e-refugiados-e-da-outras-providencias?q=6796> >. Acesso em: 08 Jun. 2022.

WEBER, Douglas. *Deslocamentos internacionais, educação e saúde global: os discursos biopolíticos que produzem o sujeito migrante*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2070/1/Douglas%20Luis%20Weber.pdf> Acesso em: 29 jul. 2022.

WINDER, Robert. *Bloody Foreigners: The Story of Immigration to Britain*. Abacus. 2013.